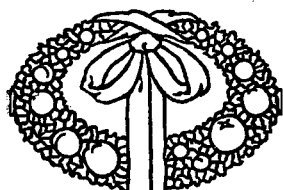


ALVARO GUERRA

Palestras
com a
Mocidade



1916
POCAL WEISS & C.
EDITORES
SÃO PAULO



PALESTRAS

COM

A MOCIDADE



Obras do mesmo autor

NO LAR, contos (1897).

PAGINAS ESQUECIDAS, chroniquetas (1900).

UM PHILOSOPHO, perfil literario (1902).

OS MEUS SERÕES, palestras literarias (1908).

PAGINAS CHRISTÃS, variedades (1910).

LEITURA BRASILEIRAS, collectanea literaria, 4.a edição, melhorada (1911).

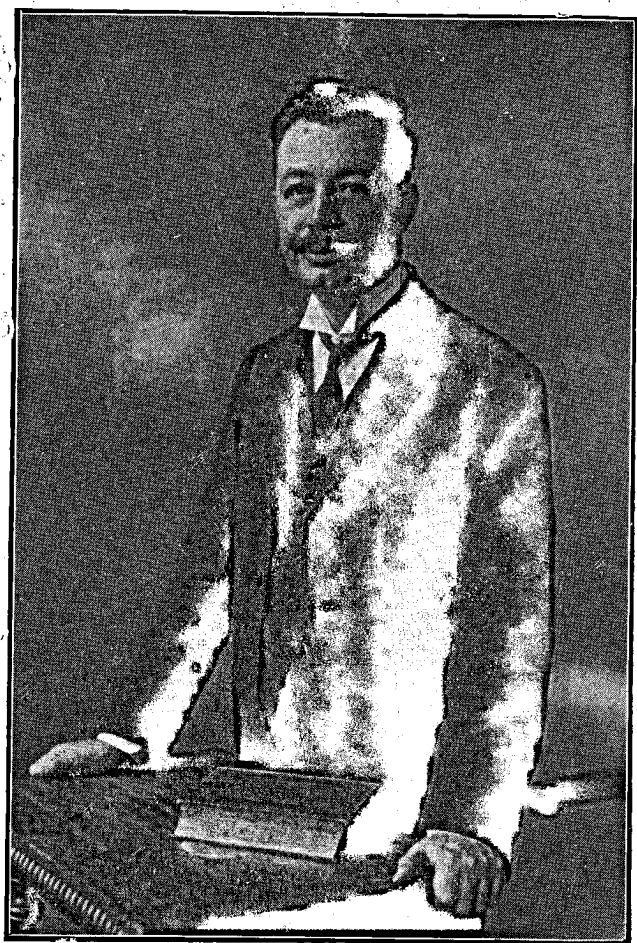
FRAGMENTARIO CLASSICO de prosadores quinhentistas, collectanea didactica para analyse (1912).

LEITURAS PROVEITOSAS, collectanea didactica para um curso raciocinado e pratico da lingua vernacula (1912).

De collaboração com diversos:

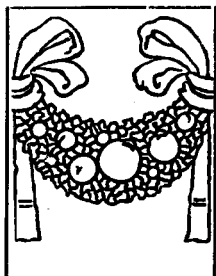
IRIS, revista de letras, sciencias e artes, 3 volumes (1905-1907).





S. Paulo, 1916.

Alvaro Guerra.



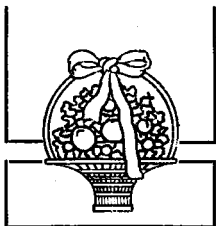
PALESTRAS

COM

POR
ALVARO GUERRA

A MOCIDADE

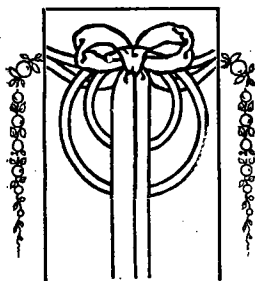
(Da Academia
Paulista da Letras)



Instituto Genealógico Brasileiro
Membro Efetivo nº 1492

Horácio de Lima Castro

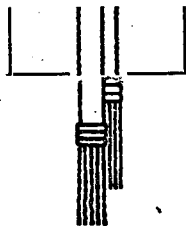
∴ 1915 ∴
POCAI WEISS & C.
EDITORES
Rua João Adolpho N. 60
SÃO PAULO

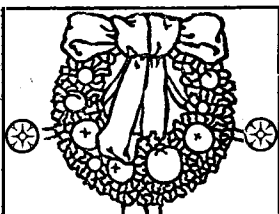


A' MOCIDADE



BRASILEIRA





*Quod munus Re-
publicæ adferre
maius, meliusve possu-
mus, quam si docemus
atque erudimus juven-
tutem? — Que serviço
mais relevante podemos
prestar á Republica do
que ensinar e instruir a
mocidade? — CÍCERO,
De Divinatione.*





*avita de ventis, de bobus narrat
arator* — sentenciou o poeta,
querendo fazer sentir que cada
qual deve, de preferencia, dis-
correr sobre aquillo de que
mais entenda, do mesmo modo

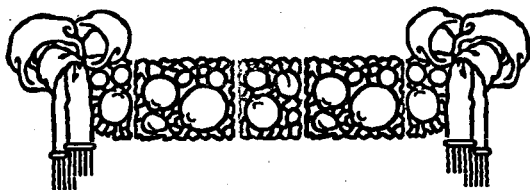
que o navegante conversa sobre tempestades
e o lavrador sobre bois... Nem outra cousa
faço nas minhas PALESTRAS COM A
MOCIDADE.

Oxalá que, conversando com os moços sobre
literatura patria, consiga eu que elles, sem
desestima do alheio, desde cedo se habituem
a prezar primeiro o que é nosso.

A justiça e a caridade devem começar por
casa...

S. Paulo, 8 de dezembro de 1912.

Alvaro Guerra.



I

A ARTE



a, sobre a arte, meus amigos, duas theorias antagonicas: a de Gautier e a de Tolstoi.

A primeira pôde ser resumida assim: "A arte tem por objecto, não a verdade, ou o bem, mas unicamente a *belleza*, — e a *belleza*, antes de tudo, reside na *fórma*".

A outra, a de Tolstoi, scintillantemente desenvolvida no livro — *Que é a Arte?*, acha-se synthetizada nestes termos: "A arte é a lingua do *sentimento*; para ella, a idéa de "*belleza*" é idéa vazia: não passa de uma chimera. Por isso, a *fórma* lhe é absolutamente secundaria".

Ora, ambas estas theorias, diametralmente oppostas, foram, ha tempos, examinadas em brilhante conferencia por Alfredo Croiset, — o decâno da Faculdade de Letras, de Paris.

Mostrou elle, de um modo satisfactorio, como a primeira se arrisca a terminar em pura *virtuosidade formal*, isto é, "a matar o homem no artista", e como a outra, pelo inverso, "corre o perigo de matar o artista no homem".

O erudito hellenista illustrou a sua demonstração com exemplos habilmente escolhidos na literatura grega, — literatura que, segundo Albalat, é o eterno repositório dos modelos perfectos. Em todo o período aureo dessa literatura, quero dizer, na sua phase de criação nacional — a que vae até Alexandre —, nunca se levantou a tal questão da *Arte pela Arte*. Então, ninguém se preocupava sinão com o fundo das cousas. A belleza das obras, que ás vezes foi tão grande, tão sábia, tão deslumbrante, sahia inteira das idéas expressas. Os juizos sobre a arte eram apenas juizos moraes: não versavam sobre a "belleza" plástica.

Veiu depois a época alexandrina, em que triumphou a theoria da "arte pela arte". Nessa época — período de pobreza moral em que, como hoje, predominava a questão da fórma — houve escriptores que outra cousa não foram sinão artistas. Os maiores do tempo, como Theócrito, são os que em si mesmos conservaram qualquer cousa de vivo, de espontaneo, de pessoal. Pelo contrario, os que, como Callímaco e Lycóphron, foram "apenas artistas", — esses morreram cedo para a pos-

teridade. A sua arte, tão gabada pelos contemporaneos, ficou logo reduzida a nada.

E infelizmente é o que ha de succeder a alguns moços esperançosos que tanto esforço, tanto enthusiasmo, direi até — tanto talento, desperdiçam ainda em cultivar a tal literatura *symbolica*, *decadista*, ou que melhor nome tenha... Essa morbida *fumisterie*, que ha muito cahiu no ridiculo na propria França, onde nasceu, só agora apparece a esses moços como a genuina Arte (com A grande)... Verdade é que elles escrevem uns periodos rhythmicos, cantantes, ineffavelmente deliciosos ao ouvido... Mas, tambem, não se póde affirmar que a arte (com A grande, ou mesmo com a pequeno) sejam essas sonoridades re-soantes de amphoras primorosas, mas... vazias.

Na opinião de Croiset, meus amigos, (como aliás na de todo homem de bom senso) só é verdadeiramente artista aquelle que, dotado para a fôrma (pois sem esta não ha *arte*), só diz cousas que mereçam ser ditas.





II

A CRITICA



Em dezembro de 1902, na "Renaissance Latine", fez Emilio Faguet, como critico, o seu exame de consciencia. Revolvendo toda a sua obra em quarenta annos, achou o operoso escriptor que a mais avultada parte da sua bagagem literaria se compunha de estudos criticos. E a si mesmo perguntou si empregára bem o seu tempo... Não se sentindo absolutamente seguro de tal verdade, chegou Faguet a uma especie de scepticismo critico, e, para dar idéa exacta do estado actual da literatura, tanto na França como em toda parte, expendeu estes conceitos judiciosissimos:

"A critica transformou-se numa especulação de autores e num commercio de livraria. Cada grupo tem sua folha. Cada um louva, ahi, o seu livro, ou manda elogial-o por um secretario ou discipulo. E' um agradável commercio ou troca de serviços com um / amigo.

O publico, que ignora a cousa, acredita no elogio, em que algumas vezes a mão paternal, por um requinte de astucia e calculo, entre-meia, aqui e acolá, uma censura benevola, que o realça e lhe dá mais valor".

Isto (notem bem) succede na imprensa franceza com "os livros dos amigos", ao passo que "importantes trabalhos", de consciencia e utilidade nacional, apenas obtêm "uma referencia de cortezia"...

Quanto aos autores, acha Faguet que a critica é absolutamente nulla... Nunca lhes dá uma qualidade ou corrige um defeito. Si o critico, por exemplo, mostra a algum delles uma belleza, esse responde logo: "A quem o diz?...". Si lhe aponta uma falta, exclama indignado: "Você nada entende da cousa!..."

E quanto ao publico? Neste ponto, segundo observa o eminente prosador, tambem a critica não tem a minima utilidade... Mas, então, por que é que o publico lê os criticos?

"Lê os criticos como ouve um sujeito qualquer que fala da ultima peça representada, ou do ultimo romance, ou do escandalo da actualidade, comtanto que se exprima bem. Pensam que os que o ouvem o tomam por juiz? Nem por sombras! Ouvem-n-o para divertir-se..."

Depois de alongar-se em interessantes considerações sobre a missão docente da critica, ainda pondera Faguet:

"Entretanto, creio numa certa influencia do critico, isto é, numa influencia indirecta e geral. O critico não faz que se venda um exemplar a mais ou a menos. Não faz o successo de um livro, não acarreta a queda de outro, e, si fosse esse o meu papel, si esse fosse o meu officio, não me poderia lisonjear com isso. Mas o critico habitua o publico a raciocinar sobre os livros e sobre as peças de theatro, habitua-o a reflectir e a dirigir com ordem as suas reflexões, habitua-o a tornar-se critico, a julgar como critico, — e isso não é de todo mau. Emfim, "torna o publico difficil", e tornar o publico difficil é uma boa cousa, para combater a degradação do gosto".

As notas que ahi ficam e que eu, agora, muito de industria, offereço á consideração de alguns leitores (si é que os tenho), explicam, até certo ponto, o retrahimento, ou quasi "scepticismo critico", em que, desde 1902, isto é, após a leitura do suggestivo "exame de consciencia" de Faguet, permaneço, quanto a certos livros (sobretudo de versos), cujos autores tão curiosos se mostram a respeito do meu juizo sobre os seus primores poeticos... Si uma ou outra vez me abstenho de emittir opinião sobre taes livros, é porque, infelizmente, já

conheço de sobra essa "genus irritabile vatum", de que algures, com grande experiencia da vida, lá nos fala o vate de Venusa...

Para Sainte-Beuve a vida do critico devêra ser: "Ler cousas boas e escrever cousas agradaveis".

Ah! si assim fôra, meus amigos, que delicia, que goso, que ineffavel ventura não seria a do critico, quando, para não ferir melindres literarios, nem suscitar despeitos pessoases, pudesse ter para todos os livros a mesma classificação amavel e para todos os autores os mesmos epithetos gentis!...





III

QUERIDO DOS DEUSES...



quelle modesto monumento erguido na praça da Republica a Alvares de Azevedo — poeta de quem a Critica, a qualquer tempo, sempre poderá dizer bem —, aquelle monumento, ali collocado por iniciativa da Mocidade Academica, é, meus amigos, a justiça dos moços de hoje ao mais moço dos nossos poetas de hontem. E' um eloquente tributo da Mocidade viva á Mocidade morta. E', em synthese, o nosso futuro reverenciando já o nosso passado.

Nem outra cousa, aliás, se devêra esperar das almas ainda em flôr, na mais feliz sação da existencia, quando o olhar do espirito, desennevoado e arguto, tem sempre deante de si horizontes roseos, perspectivas iriantes, toda uma celagem de paiz encantado...

Ser moço, meus amigos, é ser forte; é ser nobre, generoso e justo; é ter, como Alvares de Azevedo, no craneo vulcanizado pelo genio, já desabrochados ou apenas em embryão,

todos os sonhos do bem e da justiça; é sentir-se bastante vigoroso para, no arduo caminho da vida, avançar serenamente ao encontro da gloria... E quem melhor do que os moços, com o coração ainda virgem de desenganos, saberia amar a memoria gloriosa dessa esperança brilhantissima das nossas letras, tão precocemente emmurhecida e morta?

O povo helleno — maravilhoso povo de genios! — foi déveras admiravel nas concepções da sua illuminada phantasia. Lembram-se do mytho de Atlante? E' expressivo.

Atlante, logo ao nascer, recebeu de Jupiter o tremendo encargo de supportar sobre os hombros, eternamente, todo o peso da esphera celeste... Estupendo e formidavel peso! Mas, em compensação, o Tonante, com uma solicitude a bem dizer paternal, tivera antes o cuidado de, para o facil cumprimento de tão difficil destino, dar-lhe tambem um corpo de gigante, rijissimo e forte, como aquella alterosa montanha em que, mais tarde, o pobre Atlante veio a converter-se...

Com o nosso mallogrado Alvares, porém, não quiz a Natureza ter a mesma providente solicitude. Deu-lhe, é certo, o glorioso destino de trazer no cerebro um talento colossal; mas, ai! esqueceu-se de lhe dar tambem, como Jupiter a seu filho Atlante, a ferrea corporatura

de um cyclope. E por isso foi que tão cedo, irrevogavelmente, o esmagou a esphera constellada do seu genio!

Não ha duvida: devemos deplorar que tão prematuramente se finasse o caprichoso phantasista da *Noite na taberna*. Em compensação, porém, foi elle o unico que, vivendo pouco, viveu muito... Alvares de Azevedo viveu *pouco*, pela brevissima duração da sua existencia physica; viveu *muito*, pela vibrantissima intensidade da sua vida intellectual.

Devéras, por demais vigoroso era aquelle espirito para um corpo tão enfermizo e debill! Mas, si ainda aqui existisse, que seria hoje, ao cabo de tantos lustros, o portentoso adolescente? Talvez a maior gloria das nossas letras; talvez um fructo combalido e sêco, eivado pelo materialismo da época...

Os que morrem moços, meus amigos — bem o disse, num verso celebre, um dos poetas favoritos de Azevedo —, os que morrem moços são "os queridos dos deuses".





IV

O NOSSO LUXEMBURGO



ão ha muito, á hora em que a Mocidade e a Infancia, des-
preoccupadas e alegres, cami-
nham para a Escola Normal,
atravessava eu, entre ambas, o
bello jardim da praça da Republica.

Consolado naquelle dia pela doçura inef-
favel do céu, de um azul setineo, e pela
fulguração alacre do sol, de um calor suave,
vinha eu, a pé, para o centro urbano, quando
ali, em frente á herma do nosso Alvares, vi
postado um grupo de crianças, — todas a con-
templar, admiradas, com uma luminosa expres-
são na physionomia leal, a fronte scismadora e
triste do nosso poeta.

Interessado pelo caso, deixei-me ficar por
momentos ao lado das crianças, observando-as,
curioso, a ver si já saberiam de quem era
aquella herma e por que razão lh'a havia
erigido a Mocidade Academica de S. Paulo...
E, meus amigos, com prazer, si não tambem
com admiração, verifiquei que aquellas crianças

já conheciam o nome do poeta, já citavam algumas das suas produções, já referiam particularidades da sua vida!... Não discorriam, é certo, como criticos eruditos, citando datas e emittindo juizo a proposito do poeta, — mas faziam-n-o singelamente, ingenuamente, com a mesma adoravel simpleza com que repetiriam as historias que, á noite, em casa, a avó, a mãe, ou a ama lhes costuma contar para as distrahir ou fazel-as adormecer...

Abençoei, então, meus amigos, a patriótica idéa dos que ali erigiram a herma de Alvares de Azevedo, — herma a que, mais tarde, indubitavelmente, como é de justiça, virá juntar-se a de Castro Alves e, tambem, por ultimo, a de Varella, completando-se assim, na mesma homenagem, a gloriosa tríade academica. E, creiam, abençoei a generosa idéa, — não já pelo valor ornamental e artistico dessas columnas de granito sobrepujadas pelo busto de um homem illustre, — mas pelo valor, a bem dizer educativo, que, sobretudo ali, em frente a um dos nossos mais conceituados institutos de ensino, podem ter as hermas dos nossos poetas, dos nossos escriptores, — emfim, dos nossos "intellectuaes" já mortos e, merecidamente, glorificados pela Historia.

Ha cousa de seis annos, quando, numa das clareiras do Passeio Publico, do Rio, se inaugurou, sobre elegante columna de granito,

o busto de Gonçalves Dias, os jornaes fluminenses, noticiando o auspicioso acontecimento, consideram-n-o como o primeiro passo para a commemoração, em bronze ou marmore, de poetas e prosadores brasileiros, nas avenidas dos nossos jardins publicos. Encarando, então, pelo seu verdadeiro prisma a funcção de taes monumentos em identicos lugares, douta e sensatamente ponderou, pelo *Jornal do Commercio*, um chronista fluminense:

“Tudo se pôde desculpar a um povo medianamente letrado, como o é, ainda, infelizmente, o nosso, — menos o desconhecimento absoluto dos nomes dos seus varões illustres. Uma pequena minoria da nação dispõe de tempo e de meios para ler, nos annaes e nas historias, os factos que interessam á nossa vida civilizada. E' nos monumentos, nas estatuas, nas pinturas, nas commemorações civicas e literarias, nas conferencias, que o maior numero se educa e adquire o brio e a intrepidez que caracterizam um povo livre.

Si não foram a belleza e a perennidade dos seus edificios, das suas estatuas, e a excellencia das suas artes, nunca se poderia ter dito que os Romanos, então senhores do mundo, foram a seu turno conquistados pela Grecia”.

E é a verdade.

Povoêmos, pois, de bustos e estatuas, ainda que modestos, todos os nossos logradouros publicos, a começar, já se vê, pelo jardim que fronteira a Escola Normal. Ali, em frente ao sumptuoso edificio, aquella obra de arte preencherá mais um fim social, além dos que

lhe foram prescriptos pelo paulista benemerito que o delineou e o fez executar.

Nós, que a tantos respeitos tentamos imitar os Francezes, macaqueêmol-os, já agora, em mais alguma cousa... Tem elles o seu famoso Luxemburgo, onde, sob a caricia ciciante de arvores anciãs e ao cantar embalador de fontes crystalinas, entre rosas e jasmins, sonham, no eterno somno do marmore, as fronte scismadoras de Michelet, Banville, Gautier e de outros poetas do verso ou da prosa... Tênhamos nós, tambem, o nosso Luxemburgo, embora menos sumptuoso, ou mais barato... E seja elle, afinal, esse delicioso remanso virgiliano em que Alvares de Azevedo, entre flores e crianças, como que contemplando o magestoso templo do ensino, parece esperar, saudoso, os seus companheiros da gloriosa tríade academica!...





V

DIVIDA DE GRATIDÃO

Ncontestavelmente, a erecção de hermas nos nossos jardins publicos é uma bella iniciativa. Foi, porém, ha tempos, deslocada do seu verdadeiro ponto-de-vista para cahir num terreno que de todo lhe não convinha. Digo-lhes isto, meus amigos, por me lembrar, agora, da interpretação que se pretendeu dar á homenagem devida á memoria de Eduardo Prado.

Verdade é que, mercê de Deus, não nos faltam *vultos primarios* a quem devemos render igual preito de admiração. Tal circumstancia, aliás, não impedirá que a Mocidade Academica, animada de generoso enthusiasmo, venha ainda a promover e realizar o pagamento de uma divida de gratidão que os brasileiros — e muito especialmente os paulistas — mais cedo ou mais tarde, necessitam saldar para com a memoria desse nosso insigne compatriota. Nem vale generalizar a questão, ou deslocal-a, para amesquinhar, pelo confronto, o

valor incontestado e incontestavel do autor da *Ilusão Americana* e da *Arte no Brasil*.

Para que Eduardo Prado tenha, num dos nossos logradouros publicos, uma estatua ou, siquer, um modesto busto de bronze ou marmore, não obsta que a Mocidade Academica de S. Paulo — a iniciadora de tão sympathica homenagem — ainda outro tanto não fizesse aos demais vultos proeminentes da nossa Historia, a começar, já se vê, por Pedro Alvares Cabral ou, mais modernamente, pelo velho José Bonifacio. . .

Adstricta a questão ao seu verdadeiro ponto-de-vista (que é, como se sabe, a homenagem dos *paulistas* a um *paulista* provadamente patriota e benemerito nas letras), teremos logo de exceptuar, no caso vertente, a individualidade pujante e devéras extraordinaria do denodado brasileiro que tão saliente posto occupa na historia politica do nosso paiz.

O grande José Bonifacio — ninguém o ignora — celebizou-se mais como sabio e estadista que como homem de letras. . . E precisamente como homem de letras foi que se procurou pagar, ha tempos, um modesto tributo de admiração á memoria de Eduardo Prado.

Ora, posta assim essa homenagem no terreno exclusivo da admiração, não me parece a proposito o confronto do sabio José Bonifacio com o erudito iniciador das conferencias anchie-

tanás. E' até natural e justo que, sob o ponto-de-vista literario e chronologico, a Mocidade Academica de S. Paulo, por varios motivos, admire mais a Eduardo Prado que ao Patriarcha da Independencia. Ella o conheceu; viveu, a bem dizer, com elle; contemplou-o de perto. Além do mais, si licito nos fôra estabelecer confronto entre aquelle poeta e este prosador, ainda teriamos que considerar, no attinente á literatura, a feição especial daquelle e a deste, para vermos, no caso, não a mais sympathica, mas, simplesmente, a mais consentanea com os intuitos da Mocidade Academica.

José Bonifacio, "fidelissimo seguidor das fórmás classicas portuguezas", não deve, consoante adverte abalisado critico, figurar na phase contemporanea que, verdadeiramente, começa pela revolução romantica... Tendo-se deslocado do seu tempo para imitar a Garção e a Filinto, os seus versos, martelados na incude do classicismo, hão de forçosamente agradar menos aos academicos do que os periodos alados e cantantes da prosa finamente moderna de Eduardo Prado.

José Bonifacio, comquanto preso ao passado pela orientação literaria do seu espirito, voltava-se não raro para o futuro e, graças á profunda convicção do seu elevado valor politico e social, trahia ás vezes o seu orgulho quando, a poetar, vaticinava que o Brasil, ingrato para

com elle, ainda viria a pranteal-o “com dôr pungente” e que, como sabio, o seu nome glorioso “sobre as ondas do tempo iria boiando”... Eduardo Prado, cujo modestia era proverbial, esse, pelo contrario, mostrava-nos o patriotismo na sua mais bella face — a do desinteresse — e, sem se queixar dos contemporaneos, nem esperar a merecida justiça, voltava-se todo para o passado. Ahi, palmilhando verêdas invias da nossa Historia, esforçava-se por que o nome de outros não ficasse para sempre encalhado nos arrecifes do esquecimento... *Despaizado* como José Bonifacio, por algum tempo, na França, Eduardo Prado, si não foi um sabio que erguesse muito alto o nome do seu paiz entre os scientistas europêus, soube, entretanto, como homem de boa sociedade, e mesmo como patriota, mostrar-se, tanto quanto o venerando Patriarcha, um *brasileiro* digno da sua patria, esforçando-se, com os recursos do seu talento, do seu saber e da sua fortuna, por provar que o Brasil, ao inverso do que ainda por lá se julga, já não é um *pays de sauvages*, nem tampouco São Paulo, quanto a civilização e progresso commercial, merece ser comparado com qualquer cidade de quarta ou quinta ordem de alguma das republiquetas da America... De mais a mais, o Brasil, para dispensar São Paulo de qualquer glorificação em marmore ou em bronze ao ínclito Patriarcha da Independencia, já lhe pagou, ha muito, a sua

divida de gratidão, erigindo-lhe, no Rio de Janeiro, uma expressiva estatua.

Animemos, pois, meus amigos, a generosa Mocidade Academica no seu patriotico tentamen, para que ella, em modesto monumento, numa das nossas praças publicas, possa, dentro em breve, prestar o tributo da sua admiração sincera á memoria abençoada do benemerito glorificador de Anchieta.

Esse culto póstumo aos grandes vultos nacionaes — já o disse Carlyle — é o mais bello distinctivo dos povos que se prezam.





VI

FIGURA INESQUECIVEL



Sim! José Bonifacio, o velho, já não precisa de estatuas que o relembrem eternamente aos seus patriotas. Em face da Critica historica, é elle, sem duvida, um vulto representativo em nossa hegemonia politica, ou, melhor, como á justa lhe chamam os historiadores, — é elle o “Patriarcha da Independencia do Brasil”.

Pouco se nos dê, meus amigos, de que o venerando paulista, fundamente magoado com a brutal ingratidão dos seus coévos, não confiasse na justiça dos pósteros e, com dolorosa acrimonia, exclamasse, um dia, em altivos versos classicos :

Amei a liberdade e a independencia
Da doce cara patria, a quem o Luso
Opprimia sem dó, com riso e mófa:
Eis o meu crime todo!

.
Morrerei no desterro, em terra estranha,
Que no Brasil só vis escravos medram:
Para mim o Brasil não é mais patria,
Pois faltou á justiça.

Valles e serras, altas mattas, rios,
Nunca mais vos verei! Sonhei outrora
Poderia entre vós morrer contente;
Mas não: monstros o vedam!

Gallicana donzella, lacrymosa,
Trajando roupas lutuosas, longas,
Do meu pobre sepulcro a tosca loisa
Só cobrirá de flores.

Que o Brasil inclemente (ingrato ou fraco)
Às minhas cinzas um buraco nega:
Talvez tempo virá que inda pranteie
Por mim com dôr pungente.

Seja como fôr, merece o eminente paulista todas as nossas homenagens na sua triplice auréola de sabio, patriota e literato! E na ultima face — decerto não menos captivante que as outras — é que eu, por ainda o não haverem detidamente contemplado, desejara vel-o bem estudado e definido.

Acredito que José Bonifacio, observado com mais attenção a essa luz suave, não teria menos relevo do que outros coetaneos seus, e mesmo do que muitos dos que a elle succederam, como estrellas de primeira grandeza, no firmamento da nossa ainda pouco constellada literatura...

Verdade é que o velho poeta, acorren-tado ao seu paganismo classico, em nada contribuiu para a formação da literatura brasileira, — literatura que, aliás, não apresenta ainda um

cunho tipicamente nacional... Ninguém, entretanto, ousará negar que foi elle, na rapida evolução da nossa poesia, um tanto hybridamente, o ultimo abencerragem do classicismo, um romantico por indole e um naturalista por educação.

Assim analysado, é José Bonifacio uma figura interessantissima em nossa historia. Como Lucrecio ou Hesíodo, encarava elle o mundo e a humanidade por um prisma inteiramente novo na sua época, isto é, encarava as cousas e os homens, não já como utopista ou sonhador, mas como profundo perscrutador dessa natureza omnimoda e sempre bella, que é a eterna fonte de inspirações para os genuinos artistas e, consequentemente, para os poetas de boa raça...

Classico na fórmula, romantico na imaginação e naturalista na visão nitida e lucida do mundo ambiente — tal é, repito, o triplice aspecto em que nas letras, melhor do que no bronze, se deverá desenhar luminosamente, aos olhos dos coevos e dos pósteros, a pujante individualidade do grande brasileiro!





VII

TESTAMENTO GRACIOSO



e Gil Vicente se disse, e com razão, que devia a sua originalidade ao desprezo por elle votado á erudição literaria, cujas riquezas, aliás, tão vivo fulgor emprestaram a outros vates do vetusto reino. O grande poeta, para se conservar genuinamente português, preferiu ser, antes de tudo, um espontaneo. Realmente, ás vezes, como aconteceu ao Patriarcha, a erudição mata a originalidade...

Com o outro José Bonifacio, porém, não se dava o mesmo. O nosso mavioso lyrico não evitava, como Gil, por um preceito de prophylaxia literaria, a leitura de outros poetas, universalmente reconhecidos como modelos na divina arte... Ao contrario, acompanhava, com interesse, todo o movimento intellectual do seu tempo, repousando ainda o espirito, uma ou outra vez, nos preciosos thesouros da literatura antiga. E — facto notavel! — com ser, assim, um homem vastamente erudito, soube immuni-

zar-se de tal modo contra certas influências estranhas, que, nos seus versos, não se percebem resaios de produções alheias, nem, tampouco, reflexos de quem quer que seja. Não imitava a ninguém. No sentir de provector critico, José Bonifacio “não pertence a nenhuma escola: abriu estrada sua”. E assim é. Veja-se, como exemplo, este pequenino primor:

MEU TESTAMENTO

Vem cá; traze a caixinha de costura,
E, em vez da agulha, tira o teu rosario:

O caso é grave e serio.

Póde causar-te riso...

Tu vais servir-me agora de notario.

Em nome da Santissima Trindade,
Livre o juizo e são o entendimento,
Sentado em teu banquinho,
Inda a teus pés sonhando,
Eu dicto: escreve tu meu testamento.

De todos os meus bens desembargados
Faço-te a minha herdeira universal;
Mas não sem condições...
Guardarás, si puderes,
Meu coração no fundo do dedal.

Deixo-te um longo beijo bem no meio
Da fina bôca: ai, sim, guarda-o com medo!
Póde haver curioso
Que, por instincto ou habito,
Tente roubar do cofre o meu segredo.

Num cantinho do labio, entre umas dobras
 De purpura subtil e junto á neve,
 Deixo-te os meus suspiros
 A procurar carinhos
 De longas horas em momento breve.

Não te deixo um abraço... foram tantos !
 Não sei si o diga, corará teu rosto...
 —Talvez nas aperturas
 Das nacionaes finanças
 Ouse o fisco lançar-te algum imposto.

Deixo-te aquelle olhar tão feiticeiro,
 Meio luz, meio sombra, assim... assim...
 Ao pé do jasmineiro,
 Aquelle olhar tão languido,
 Aquelle olhar do banco do jardim...

O mais é reservado, e escripto fica
 Em tua alcova, ao lado do teu leito :
 Flores, quadros, perfumes,
 Meus sonhos a voar...
 Queres um codicillo mais bem feito ?

Guarda estes versos : são meu testamento.
 Podem cerral-o annéis de teus cabellos ;
 Mas, si ingrata os perderes,
 Virei roubar-te á noute
 Minhas cartas de amor entre os novellos.

Que mimo, que graça, que doçura a des-
 tes versos que, uma vez lidos, nos ficam vibrando
 para sempre na memoria!

Esta face original do talento de José Boni-
 facio, o moço, — face que elle, no seu livro *Ro-*

sas e goivos, publicado em 1849, mal deixava adivinhar — só veio a accentuar-se muito tarde, já na idade madura, quando, preso de todo pelos tentaculos da Politica, apenas, a furto, em escassos momentos de lazer, burilava alguns versos por desfastio e como que a brincar!

Embora tão fortemente se distinguisse como poeta dentre todos os seus coetaneos, o segundo José Bonifacio não deixou discipulos. E não os deixou, por duas razões: 1.^a) porque, relativamente, produziu pouco para fazer escola; 2.^a) porque não se imita o inimitavel...

A individualidade artistica e literaria de José Bonifacio, o moço, como a do velho, por falta de elementos cabaes ou positivos, ainda não foi sufficientemente estudada. Nesse sentido, optimo serviço prestaria ás nossas letras quem fizesse uma edição completa de suas poesias, muitas das quaes, ainda inéditas, provavelmente se acham em poder de parentes ou de amigos.

E bem merece tal homenagem a memoria do mimoso poeta, que foi, sem contradicta, quasi ao contrario do outro, um lyrico dos mais espontaneos, mais elegantes e mais inspirados do Brasil.





VIII

UM LEQUE DE MARFIM



Admirador do segundo José Bonifácio, Pedro Luís, o fogoso autor da *Terribilis Dea*, foi também um lyrico sereno, calmo, de uma elegancia fina e aristocratica. Entretanto, a nota que desde logo o tornou distincto entre os seus coévos, marcando-lhe, com justiça, um lugar á parte em nossa literatura, foi o ardente e alentado sopro épico de algumas das suas poesias patrioticas.

Nessas producções, de cunho social ou democratico, ha calor, elevação de idéas, nobreza e independencia de opinião. A's vezes, como que passa por ellas, aqui ou ali, entre as vívidas fulgurações de algumas imagens arrojadas, um não sei quê de genial!

Companheiro e amigo de José Bonifácio, pena é que a politica — esse polvo fascinador e não raras vezes fatal — também enlçasse Pedro Luís nos seus tentaculos, impedindo-o de abrir uma róta luminosa á poesia épica, como ao poeta das *Rosas e goivos* vedára de

descortinar por completo, no Brasil, um horizonte novo ao lyrismo da nossa raça.

Si José Bonifacio, o moço, tinha na poesia lyrica uma feição inconfundivel, typica, de-véras original, Pedro Luís, nas suas odes revolucionarias, apresentava um traço não menos característico entre todos os que, na sua época, mais ou menos brilhantemente, se ensaiaram em tal genero de poesia. E' que elle, comquanto educado na escola do *condoreirismo*, então em voga, não abusava, nas poesias politicas, das hyperboles e antitheses hugoanas, muito embora, soltando as velas á sua ardente imaginação de meridional, fizesse um largo emprego de allegorias e apparições... *Nunes Machado, A sombra de Tiradentes, Os voluntarios da Morte e a Terribilis Dea* — as suas quatro poesias celebres, de caracter politico e social — ainda hoje, a despeito da evolução por que ha passado no Brasil a arte poetica, nos emocionam, nos prendem, nos arrebatam fortemente, em irresistiveis frémitos de enthusiasmo patriotico. Ah! que grandiosa epopéa não escreveria o exuberante e fegoso artista, si a Politica e a indifferença do nosso povo para com as letras tão cedo lhe não apagassem o sacro fogo da inspiração!...

De Basilio da Gama se affirmou que escrevera em lingua portuguesa a melhor epopéa da America — *O Uruguay* —, assim como Ca-

mões, na mesma lingua, escrevera a melhor epopéa da Europa — *Os Lusíadas*. Pois bem! De Pedro Luís outro tanto se pudéra dizer quanto ao Brasil, si os interesses partidarios e o influxo protector de uma boa estrella na politica o não fizessem abandonar bem cedo o trato da poesia épica, para que elle se dedicasse a varios mistéres, mais positivos e, quiçá, mais proveitosos ao seu paiz. Si assim não fôra, a epopéa genuinamente brasileira, que ainda não foi escripta — e já agora talvez nunca mais o seja —, bem o poderia ser por Pedro Luís, que para tanto tinha a envergadura, o talento homérico, a *vis creatrix* indispensavel.

No tranquillo recesso do seu gabinete de ministro, durante os curtos lazêres da politica, fazia elle, ás vezes, apressadamente, nas costas de um envelope ou nalgum pedaço de papel official, traducções meticolosas como a do famosissimo soneto de Arvers, ou deliciosos versos lyricos como estes :

O LEQUE DE MARFIM

Ella estava bonita a enlouquecer a gente !
Viva, fresca, feliz... Gostei de vel-a assim !
Da musica aos murmúrios estremecia ardente
E, rindo, machucava o leque de marfim.

Seus olhos eram negros, avelludados, puros...
Dois abysmos ! Dois céos ! Fitei-os a tremer !
Costumado a trilhar caminhos sempre escuros,
Tenho medo de luz.... Meu Deus, eu não quiz ver!

Mas... ella fascinava! Era um olhar, mais nada.
 Rebelde, o coração nessa hora me trahiui!
 Aos dedos dessa virgem, a amphora sagrada,
 Entornando perfume, á luz do sol se abriu.

Encostei-me ao piano. A chacara viçosa
 Entoava das flores a languida canção.
 Eu scismava? sei lá! no céu, no mar, na rosa..
 E minh'alma se foi nas asas da paixão.

Bem como o viajante em regiões polares
 Que, chorando, recorda seu torrão natal,
 E avista, de repente, incendiando os mares,
 O divino esplendor da aurora boreal:

Assim eu triste, só, sem sombra d'esperança,
 Dos gelos da descrença, onde vim parar,
 Sondei aquelle riso! Amei essa criança.
 Foi-me aurora de amor o negrejante olhar.

Brilhe embora uma vez... Banhou-me a luz divina.
 Vale uma eternidade um dia sempre assim...
 Sempre hei de me lembrar da candida menina
 Que, rindo, machucava o leque de marfim.

Não ha negar. São mimosos estes ver-
 sos, que ora lembram a graça risonha do segundo
 José Bonifacio, ora o mimo sentimental de Ca-
 simiro de Abreu, — dois espiritos de escól que
 a elle estreitamente se ligaram pelos laços du-
 radouros do coração e do talento.

Quasi velho, um tanto desilludido, des-
 gostoso, Pedro Luís, então, deante de uma crian-
 ça, enamorava-se de um *leque de marfim*, já
 deslembado da "tuba canora e bellicosa" que

o celebrizara entre os seus contemporaneos, e que, mais tarde, de certo o havia de immortalizar, si elle tão depressa a não abandonasse, sonhando com aquella perfida pasta de ministro, — verdadeira pasta de Pandora, em cujo fundo, afinal, em vez da esperança symbolica, encontrou elle — quem sabe? — bem amargas desillusões...

E foi assim que o Brasil perdeu, talvez, ainda no embryão, o seu primeiro poeta épico!...



IX

UM ESTHETA



raciosamente, dizia Alvares de
Azevedo no *Poema do frade*:

Frouxo o verso, talvez, pallida a rima
Por estes meus delirios cambetêa!
Porém odeio o pó que deixa a lima
E o tedioso emendar que gela a veia!

Arrastado pela mesma corrente de idéas
— que era, aliás, a do seu tempo —, também
Varella, na introdução de *Mimosa*, exclamava
a um critico por demais severo, a quem elle,
desdenhosamente, chamava — “guarda zeloso
de banaes regrinhas”:

A idéa não tem marcos nem barreiras,
E o pensamento, irmão da liberdade,
Quando as asas sacode, abate e quebra
Mais de uma autoridade.

.

Lançaê vossos preceitos e tratados
Às chammas vivas de voraz incendio...
Alma que sente, que se inspira e canta
Não conhece compendio.

Bem longe, porém, vae essa época, em que
arrôbos de inspiração como os de Pedro Luís
eram sufficiente indulto para o desalinho da

fórma. Varridos de vez pelo bom senso critico, foram-se, enfim, esses ridiculos preconceitos de esthetica, assim como as cabelleiras me-rovingias, as capas espectaculosas e os olhares em alvo, com que, á mingua de talento, se contentavam certos versejadores do cyclo romantico... Hoje, nem mesmo a intenção louvabilissima de salvar uma idéa pudéra desculpar um poeta que, muito de industria, perpetrasse um erro de metrica ou de syntaxe. Já que não mais existem, em nosso meio, poetas de largos surtos, de estro borbulhante, de sensibilidade requintada, como o dos *Cantos Meridionaes* ou o da *Lyra dos vinte annos*, exige-se, meus amigos, dos actuaes fabricantes de versos, como salvo-conducto para as fronteiras da Arte, a maxima correcção de fórma.

Ninguém, entretanto, estaria mais apparelhado do que Raul Pompéa para, si o pretendesse, tentar com exito a arte metrica. Poucos, muito poucos, pouquissimos terão como elle a noção luminosa da plasticidade da phrase, da musica dos vocabulos e do colorido das imagens. Intensidade de vida subjectiva, extraordinaria acuidade psychica, verdadeira hyperesthesia — teve-as, em alto gráu, o primoroso stylistas. Mas, com ser assim uma alma de tão intensa vibratilidade e um temperamento de tal requinte artistico, o molde do verso, para Pompéa, seria talvez o carcere do seu pensamento.

E' que elle, o inolvidavel Raul, era, ao mesmo tempo, um emocional e um reflexivo. Ahi estão, para prova, as suas *Canções sem metro*, — curioso e extranho florilegio literario, em que, não raro, de um modo dolorosamente suggestivo, se entrelaçam o estheta e o philosopho. Nesse genero hybrido, de ordem compósita, em que excelleram na França alguns poetas genuinos, e entre nós, ainda hoje, se ensaiam incipientes literatos, — nesse genero hybrido, o profundo psychologo do *Atheneu* foi, na litteratura brasileira, o unico que conquistou a palma.

De feito, os seus poemetos em prosa — delicadissimas miniaturas ou pequeninos baixos-relevos, — si umas vezes chegam a trahir ainda certa ancia de perfeição, outras, pelo contrario, se nos antolham inexcediveis. Ahi, a sua phrase lapidaria, pinturesca, musical, apresenta-nos simultaneamente o encanto da linha, o da côr e o do som. Sirva de exemplo a *Primavera*, nas *Canções sem metro*. A essa minuscula joia litteraria, de um esmerado lavor byzantino, nada se lhe pudera subtrahir ou addicionar. Constitue, até, no genero, uma verdadeira obra-prima.

E assim era, mais ou menos, tudo quanto, com intenção artistica, produzia Raul Pompéa, — o pranteado e glorioso moço que, nas nossas letras, pela sua finissima e complicada organização de estheta, se tornou, devéras, um vultu-inconfundivel.



X

DATA INFAUSTA



Foi a 25 de dezembro de 1895 que Raul Pompéa, o arguto psychologo do *Atheneu* e fino estheta das *Canções sem metro*, atravessando o coração com uma bala, pôz termo á sua existencia terrena, tão preciosa para a nossa patria quanto já o era para as nossas letras.

Ninguém no Brasil amou em mais alto grau o seu paiz, nem mais apaixonadamente a verdadeira Arte. O amor de Pompéa á terra que lhe foi berço, bem o demonstrou a fogosa ardencia com que elle, esposando entusiasticamente a causa da Abolição, por ella terçou, com inexcédível denodo, as armas fulguerosas do seu talento, quando, ao lado de insignes patriotas, heroicamente dava combate á hydra, tres vezes secular, do escravismo. E, como se sabe, foi o seu patriotismo à *outrance* que o levou a uma “questão de honra”, arrastando-o, com tanta brutalidade, ao sinistro despenhadeiro do suicidio!

Havia, porém, em Raul Pompéa, não menos evidente e palpitante, um amor que a todos os outros sobrepujava: era o que elle, extremosamente, consagrava á sua veneranda mãe. No meio daquella misanthropia inoculada pelo veneno deliciosamente absorvido na leitura assidua de philosophos e poetas doentios — poetas como Leopardi e philosophos como Hartmann —, o culto transcendente e puro por elle tributado á Mulher concentrava-se todo naquella bondosa senhora, como um feixe de ardentes raios solares no fóco de poderosissima lente!

E essa exagerada ternura filial, misturada, por ultimo, de abundantes lagrimas e enternecidos carinhos, já revelava claramente, para alguns, o desequilibrio psycho-physiologico da sua organização complicadissima.

A Mulher, para Raul Pompéa, era a suprema concretização da Arte. A esta, como áquella, rendia elle, com todas as véras de sua alma, um culto purissimo e intenso, uma adoração profunda e ardente, uma verdadeira idolatria. E era sua mãe quem encarnava, em synthese, para o seu coração amantissimo, o typo mais perfeito da Mulher na terra.

Descrendo, afinal, de quasi todos os homens, a não ser o amor materno, não via elle neste mundo outro oasis remansoso e placido: longe do seu anjo protector, julgava encontrar inimigos por toda parte, quando, em ultima ana-

lyse, o seu principal e, talvez, o seu unico inimigo era... o seu proprio talento!

Sim. O extraordinario talento de Pompéa foi o seu maior inimigo, — inimigo tão perfido que, refinando-lhe por de mais os dotes affectivos e o character immaculadamente austero, lhe chegou a obumbrar por completo a razão, sempre tão bem equilibrada e lucida nos dominios serenos da esthetica. Esse inimigo cruel impedira-o de ver que, com o seu brutal suicidio, o dia faustoso em que toda a christandade solenniza a gloria e a ventura supremas da Mãe por excellencia, ficaria sendo, dahi por deante, para sua extremosa mãe, não mais uma data de jubilos e de festas, mas um dia de luto e de lagrimas dolorosas!...

Nenhum filho, na posse plena da sua integridade mental, desejaria amargurar assim, para sempre, de um instante para outro, a existencia feliz daquella que lhe havia dado, com o ser, os thesouros preciosissimos de um coração magnanimo.



XI

PAGINAS DO CORAÇÃO



character diamantino e o magnanimo coração de Pompéa bem podemos avalial-os pela sua correspondencia.

Tenho em meu poder as cartas que o notavel moço escrevêra a um amigo intimo, aqui residente, quando elle, de 1881 a 1885, fazia no Recife o seu curso de direito.

Essas lindas cartas, creio, vão ser publicadas, — não a titulo de curiosidade, mas como documentos psychologicos. E merecem tal honra. Muitas, pela sua naturalidade, leveza e graça, são devéras encantadoras. Escriptas sem intuitos de publicidade, nem preocupação de fórma, nellas se nos apresentam «in natura», ao mesmo tempo, o homem e o artista.

Já então se notava em Pompéa aquelle apurado espirito de observação, aquella acuidade psychica, aquelle obsedante desejo de estar sempre só, estudando e meditando os problemas da natureza e da alma. E' que...

«Même quand l'oiseau marche on sent qu'il a des ailes»...

Leamos esta carta, datada de Jaboatão, onde Pompéa se refugiara da epidemia que grassava no Recife :

«Jaboatão, 20 de junho, 1885 — Meu caro Luiz. —. Acabo de ter noticias suas por uma carta que neste instante me entregaram, em Jaboatão, pequena cidade a tres leguas do Recife, na qual a rapaziada de S. Paulo, afugentada do Recife pelas febres, agora reside.

.....
 Estimo saber que você e sua familia vão passando sem novidades ruins. E' o que me acontece felizmente e ao meu *povinho* da Côte, pelas noticias ultimas que tenho de casa.

A febre vae desaparecendo completamente do Recife. Desgraçadamente, não se foi sem levar queridos companheiros, como o pobre Gervasio Martins, cujos derradeiros instantes eu presenciei, para fechar-lhe os olhos, e o sympathico Affonso de Magalhães e o Queiroz Telles e mais dous rapazes, um dos quaes matriculado ahi em S. Paulo no primeiro anno, ambos camaradas intimos da colonia paulista do Recife. A morte destes rapazes foi uma desolação. Não lhe contei já em outras cartas o que houve, porque só recordar me faz estremecer.

Os rapazes ficaram espavoridos; entretanto, ninguem pensava em fugir. Gostei do procedimento dos moços do Sul. Cada collega que adoecia era immediatamente visitado por todos, que emulavam em querer prestar serviços. Andavam todos magros e pallidos das vigílias. A dôr que as perdas iam produzindo não se descreve. O Rodrigo Octavio teve um accesso de choro no cemiterio, no enterro do Affonso, que me impressionou de uma maneira terrivel. O Franklim tinha, de vez em quando, em qualquer lugar onde se achasse, uns impetos de pranto que incomodavam. O Tupinambá, ao

voltar da casa do Affonso, onde o deixara cadaver, foi assaltado por um repentino desespero de loucura, arremessando-se contra as vidraças, ferindo-se todo nas mãos. Foi-me preciso um esforço extraordinario para conseguir acalmal-o e poder banhar-lhe as mãos em arnica.

A ultima noite do Gervasio, em cuja casa eu estive até acompanhar-lhe o corpo, que foi removido á uma hora da madrugada para uma igreja, a conselho dos medicos, essa noite foi horrorosa. Havia uns oito estudantes presentes e ao ultimo suspiro do pobre Gervasio a scena de desespero de todos não se descreve.

Infelizmente, nessa mesma noite, por ter apanhado muita chuva, eu adoeci, não me sendo possivel ir ao enterro do dia seguinte, nem assistir aos ultimos momentos dos que morreram logo em seguida ao Gervasio.

Garanto-lhe que nunca vi cousa tão triste em minha vida, como estes dias. Não quero falar-lhe da chuva de telegrammas das familias aterradas e das noticias falsas e verdadeiras, cada qual mais assustadora, que circulavam por toda parte: «Fulano está com febre», — «Sicrano está a morrer», etc... Até eu passei por morto, pelo simples facto de ter uma febrezinha de 38 grãos...

.....»

A bondade de Pompéa, porém, não se revelava tão só pelo coração: tambem se revelava pelo cerebro, como claramente se percebe do sensato conselho que elle, quando apenas contava vinte annos, dava, com affectuosa expansão, ao seu afflicto e desalentado amigo. Vejamos-o:

«Meu caro Luiz. — Aproveito esta linda tarde de domingo para lembrar-me dos amigos e dos meus tão abandonados deveres. Bem imagino que você se desgoste quan-

do, depois de uma das suas tão agradáveis cartas, eu não me dou pressa em responder. Mas deve notar que, se não escrevo logo que me chegam as suas amáveis laudas, em compensação, para que eu de cá lhe escreva, não careço de forçar a espontaneidade com a obrigação da cortezia. Uma tarde limpa como esta, deste feliz domingo, é que me sugere a resolução; e parece que é mais sincera assim a correspondência, — de improviso.

Escrevo-lhe com o retrato da Juliuzinha deante de mim, e parece que ella me vae dictando com aquelles olhos vivos da photographia, que avalio como são deliciosamente vivos no original. Não ha contratempo que vença um homem, quando se tem uma filha assim para animar e alegrar os dias.

Quando lhe vier uma idéa importuna e estiver a ponto de desesperal-o num assomo de irritação, tome ao collo a adoravel pequenina Julia, beije-a e peça-lhe depois, um conselho, consultando-lhe o olhar, o sorrisozinho redondo, a physionomia toda, onde transparece a alma do amor filial antes mesmo da consciencia. O conselho ha de fortalecer. E você terá um dia-seguinte de trabalho com mais vontade e maior socego».

.

O caridoso e salutar conselho que Pompéa, não só nesta, mas ainda em outras missivas, se apressara em dar ao seu companheiro de infancia, não teve, infelizmente, por mal das nossas letras, a necessaria força para, em 1895, naquelle fatidico 25 de dezembro, illuminar-lhe o cerebro sinistramente obumbrado, desviando-lhe do coração a arma exterminadora!



XII

A CRUZ DA ESTRADA



om a individualidade literaria de Castro Alves dava-se o mesmo que com a de Raul Pompéa: era, a bem dizer, uma entidade dupla. Assim como no chronista d'*O Atheneu* se sente, através do estheta, o pensador ou philosopho, — assim tambem, no cantor d'*Os escravos*, se percebe, intimamente entrelaçado ao poeta, o orador ou tribuno.

E' que a poesia de Castro Alves, ainda quando desce da altiloquencia hugoana para ameigar-se num lyrismo sereno, doce, amavelmente brasileiro, nos offerece o que quer que é de oratorio. Seja no *Navio negreiro*, seja na *Cruz da estrada* — naquelle brado de indignação, ou neste suspiro de ternura —, realmente descobrimos, quasi de todo confundidas, essas duas qualidades literarias.

O que deveriam ser os versos de Castro Alves quando por elle recitados, bem o podem dizer aquelles que, outrora, num theatro,

tiveram a ventura de ouvir o verbo ardente do glorioso moço. Inesquecível espectáculo! Quando elle, esbelto, senhoril, dominador, surgia numa das frisas, com a fronte ampla aureolada por linda cabelleira romantica, e, inspirado, começava a recitar os seus versos de ouro, a multidão que o ouvia, delirando de entusiasmo, sob o phrenetico tempestuar das palmas, não sabia o que mais admirar: si o poeta, si o orador.

E é exactamente esse duplo aspecto — de poeta e orador — que ainda hoje, na historia literaria do Brasil, dentre os outros poetas do seu tempo, destaca, em alto relevo, o vulto majestoso de Castro Alves.

O que seria o humanitario poeta d'Os *escravos* na sua ultima phase, como poeta genuinamente brasileiro, logo o aquilataremos, meus amigos, por estas meigas e enternecidas quadras que, pouco depois da sua morte, foram encontradas em sua gaveta, entre outras producções inéditas:

A CRUZ DA ESTRADA

Caminheiro que passas pela estrada
Seguindo pelo rumo do sertão!
Quando vires a cruz abandonada,
Deixa-a dormir em paz na solidão.

Que vale o ramo de alecrim cheiroso
Que lhe atiras nos braços ao passar?
Vae espantar o bando buliçoso
Das borboletas que lá vão pousar.

E' de um escravo humilde sepultura :
 Foi-lhe a vida o velar de insomnia atroz :
 — Deixa-o dormir no leito de verdura
 Que o Senhor entre as selvas lhe compoz.

Não precisa de ti. O gaturamo
 Geme por elle á tarde no sertão,
 E a jurity, do taquaral no ramo,
 Povôa, soluçando, a solidão.

Dentre os braços da cruz a parasita
 Num abraço de flores se prendeu ;
 Chora orvalhos a grama que palpita ;
 Accende o vagalume o facho seu.

Quando á noite o silencio habita as matas,
 A sepultura fala a sós com Deus...
 Prende-se a voz na bôca das cascatas,
 E as asas de ouro aos astros lá nos céos.

Caminheiro ! do escravo desgraçado
 O somno agora mesmo começou.
 Não lhe toques no leito de noivado :
 Ha pouco a liberdade o desposou...

Abençoados sejam, sempre, os que sinceramente se preocupam com a dignificação da sua Patria, como outrora o mallogrado Castro Alves, que lá se foi tão cedo para o Além, sem ver concretizada a sua aspiração patriótica — a extincção completa da escravatura no Brasil.

Nelle — no poeta dos miseros captivos — o fulguroso humanitarismo hugoano facilmente se havia nacionalizado, fazendo que numa só individualidade artistica se concentrassem a

eloquencia inflammada do orador e o lyrismo sereno do poeta.

Fôra, sem duvida, o altissimo vate dos *Burgraves* e dos *Châtiments* que lhe suscitara, por exemplo, aquelles famosos versos, ora dantescos, ora apocalypticos, do *Navio negreiro*. Mas, innegavelmente, foi só o amor da sua Patria que lhe inspirara essas estrophes d'*A Cruz da estrada*, tão suggestivas no seu enterrecido lyrismo.





XIII

PEROLAS PERDIDAS



reproduzindo versos de Castro Alves, opportuno me parece recordar aqui, a bem das nossas letras, uma mimosa producção do inspirado vate, omittida (não sei por quê) na edição das suas obras completas. Eil-a:

REZAS

Na hora em que a terra dorme
Enrolada em frios véos,
Eu ouço uma reza enorme
Enchendo o abysmo dos céos.

Accendem-se os bentos cirios
Dos vagalumes subtís...
— Ave! — murmuram os lirios!
— Ave! — dizem os fusis!!

Nos boqueirões ha soluços...
Tem remorso o vendaval...
O mar se atrai de bruços
Co'a barba pelo areal.

As nuvens, ajoelhadas
Nos claustros ermos e vãos,
Passam, quaes contas douradas,
As estrellas — pelas mãos...

A açucena, por criança,
Junta os dedos... reza e... ri;
A palmeira larga a trança,
Reza núa como a huri.

Pelo sipó solitário,
Em fio o sereno cae,
Como as bagas do rosario
Da filha que chora o pae.

A ventania que emboça
Pela serra colossal,
E' organista que toca
Nos siphões da cathedral!

Que fanatismos divinos
Nas lapas do campo alvar!
Da onça os olhos felinos
Dizem rezas... ao luar!

Ha luzes phosphorescentes
Accesas pelos marnéis...
São as larvas penitentes
Rezando pelos fiéis.

Monstro e anjo a noite grupa
No pedestal da oração...
Quem sabe si a catadupa
Bate nos peitos do chão?

Reza tudo o que tem bôca
Cheia de graça ou terror...
O ninho — junto da tocal
Ao pé da cratera — a flôr!

Só — enquanto a reza enorme
Rebôa pela amplidão,
Como Loth... o homem dorme
No collo da creação!!!

*
* *

Igualmente, não se acha em nenhum livro de versos de Machado de Assis a sua conceituosa poesia:

OS DOIS HORIZONTES

Dois horizontes fecham nossa vida:

Um horizonte — a saudade
Do que não ha de voltar;
Outro horizonte — a esperança
Dos tempos que hão de chegar;
No presente sempre escuro —,
Vive a alma ambiciosa
Na illusão voluptuosa
Do passado e do futuro.

Os doces brincos da infancia
Sob as asas maternas,
O vôo das andorinhas,
A onda viva e os rosaes,
O goso do amor, sonhado
Num olhar profundo e ardente,
— Tal é na hora presente
O horizonte do passado.

Ou ambições de grandeza
Que no espirito calou;
Desejo de amor sincero
Que o coração não gosou;
Ou um viver calmo e puro
A' alma convalescente,
— Tal é na hora presente
O horizonte do futuro.

No breve correr dos dias,
 Sob o azul do céu, — taes são
 Limites no mar da vida :
 — Saudade ou aspiração.
 Ao nosso espirito ardente,
 Na avidez do bem sonhado,
 Nunca o presente é passado,
 Nunca o futuro é presente.

Que scismas, homem? — Perdido
 No mar das recordações,
 Escuto um éco sentido
 Das passadas illusões.
 Que buscas, homem? — Procuo,
 Através da immensidade,
 Lêr a doce realidade
 Das illusões do futuro.
 Dois horizontes fecham nossa vida.

Esta producção poetica de Machado de Assis, ao que parece, é bem antiga. Figura-se-me, até, um dos primeiros ensaios literarios do festejado psychologo do *D. Casmurro*.

*
* *

Entre as poesias de José Bonifacio, o moço, publicadas em volume logo após a sua morte, tambem não figuram uns graciosos versos que, ha tempos, entre os autographos de Pedro Luis, foram encontrados com o titulo — *O sabiá*. Essas despretenciosas sextilhas, a julgal-as pela letra, são evidentemente de José Bonifacio, — hypothese bem aceitavel, á vista

das iniciaes que lhes servem de assignatura e das relações de amizade que o mavioso lyrico sempre manteve com o vigoroso épico da *Terribilis Dea*.

Quanto ao mais, não custa descobrir nestes versos, aqui ou ali, ainda que em esboço, um certo *quê* do mimoso poeta do *Meu testamento*. Leamol-os :

O SABIÁ

Sabiá da minha terra,
Que fazes nesse raminho?
Vês o sól? Desceu da serra,
Vem inundar-te o caminho;
Como outras, busca a altura,
Ave de amor e ternura!

Na matta que a luz invade,
No bosque, ao alvorecer,
Entre o amor e a saudade
Vaes cantando até morrer:
Sabiá da minha terra,
Vae fazer ninho na serra!

Bem o sei — lembra-me ainda
Esse teu canto de dôr,
Triste lagrima que finda
Entre um sorriso de amor.
Nesta viagem sombria
Não me esqueci da harmonia.

Eu te escutava sentado
Sob a copa do arvoredo;
Tu em teu ramo poisado,
Eu de assustar-te com medo,
Sempre, sempre á mesma hora,
Naquelle fonte de outrora...

Naquella fonte escondida
Na encosta daquelle monte,
Onde os murmúrios da vida
Se perdiam no horizonte,
Onde os meus e os teus suspiros
Ecoavam nos retiros.

Cresci contigo, mas cedo
Deixei a fonte sagrada,
Os murmúrios, o segredo
Daquella idade encantada:
Fui buscar ninho na serra,
Sabiá da minha terra...

Ai! não cansei na subida,
Scismando alegre, sózinho;
Mas não ouvi mais na vida
O teu cantar no caminho.
A fonte estava esgotada:
Alguns espinhos... mais'nada!

Estas ingenuas, mas suggestivas sextilhas não traziam data. Ainda seriam dos tempos academicos, ou dos ultimos annos de vida publica, em que o grande brasileiro, não raras vezes, no tranquillo remanso do seu lar, poetava para se esquecer da Politica?...

Seja como fôr, ahi ficam, a titulo de curiosidade...





XIV

FLOR SEM NOME



uem quer que estude conscienciosamente a literatura brasileira, ha de, por força, demorar a attenção em Bernardo Guimarães, — um dos poetas mais originaes do seu tempo e, como Castro Alves, uma das figuras mais interessantes das nossas letras.

Comquanto o mavioso lyrico, quando estudante em S. Paulo, pertencesse á famosa "escola byroniana," foi elle, dentre os vates academicos da sua época, o unico que não imitou servilmente um modelo do velho mundo e, tambem, o unico que resistiu por mais tempo, com mais vigor, á influencia deleteria do alcool: Bernardo Guimarães, a despeito da sua intemperança, falleceu aos 59 annos de idade, em Ouro Preto, a 9 de março de 1884.

Fecundo, operoso, devotado de corpo e alma ao trato das boas letras, já nos seus versos, já nos seus contos, já nos seus romances, nitidamente se estampa a natureza pujante da sua terra, ou se reflecte a indole amavel do

povo mineiro. Como que existia nelle, por atavismo, o que quer que era de Gonzaga, — um lyrismo quasi bucolico, calmo, sereno, cheio de confiança e bondade. Ha, mesmo, nas produções de Bernardo Guimarães, um como perfume dos sertões de Minas.

Recolhido aos seus remansos serros e num quasi divorcio da sociedade culta, o inspirado poeta dos *Cantos da solidão*, que timbrava em ser do seu paiz, tambem sabia ser do seu tempo. Eis porque sempre se mostrou infenso ao indianismo de Gonçalves Dias e de Alencar, — escola anachronica e, por muitas razões, absurda.

A natureza brasileira, deante da qual a sua alma lyrica, num quasi mysticismo pantheistico, se alcandorava em largos vôos luminosos, e o homem dos sertões, com quem sempre vivera em fraternal convivio, elle nol-os apresenta nas suas obras, invariavelmente, taes quaes desde muito os conhecia, surprehendendo-os, a uma e ao outro, no flagrante da vida real.

O seu *sertanismo* era, pois, um producto fatal do meio. Não o fôra elle rebuscar em suspeitas narrações de outrem, nem tampouco o phantasiara a seu bel-prazer, descrevendo regiões que nunca visitara, ou pintando costumes que de todo desconhecia... E é este, em Bernardo Guimarães, o traço predominante, typico,

inconfundível, da sua *sympathica physionomia* literaria.

Como poeta, podemos avalial-o por esta mimosa nênia, estampada, pouco depois da sua morte, em obscuro periodico de Minas:

FLOR SEM NOME

Ella nasceu no ermo, em um rochedo
Sobre a fauce do abysmo pendurado —
A flor sem nome, — alardeando o viço
E a linda côr do calix orvalhado.

O sol, quando surgiu, veio afagal-a
Com todo o amor dos brandos raios seus;
Mas, ao deixar o céu, em vão buscou-a,
Para dizer-lhe adeus.

Tepidos beijos lhe imprimiu no seio
A brisa da manhã;
Voltou, logo depois; passou gemendo,
Pois não viu mais no valle a flor louçã.

O colibri, no seu mimoso calix,
Esvoaçando, doce humor libou;
Veiu depois, inda outra vez, beijal-a:
Não a viu mais, e triste se afastou.

A perfumada viração da aurora,
Em socegado adejo,
Embalou-a no limpido ambiente
Com brando rumorejo,

E ella, agitando as petalas mimosas,
Ao sopro afagador da mansa aragem,
Sorrindo para o céu, não viu do abysmo
A tétrica voragem!

E todos os que a viram, de encantados,
 — Que linda flor! — clamaram;
 Mas ninguém a colheu: nas mansas asas
 As virações celestes a levaram.

—
 Alma tenra e gentil, assim te foste
 Levando intacto da innocencia o véo;
 Brisa fagueira te levou nas asas
 Para os jardins do céo.

Eras de um mundo mais feliz que o nosso,
 Vicejar sobre a terra não pudeste;
 E, com os anjos, teus irmãos, te foste
 Para a mansão celeste.

—
 E' bello assim murchar, inda na aurora,
 Sem crestar-se do sol ao vivo ardor,
 E uma alma immaculada como o lirio
 Nas mãos de Deus depôr!

Em albuns, revistas e periodicos de Minas, ainda existem, esquecidos, muitos versos de Bernardo Guimarães, — versos que, colleccionados, dariam, talvez, um bom volume para accrescer a bagagem lyrica do fecundo escriptor mineiro.





XV

A ALMA DO PASSADO



Nós, os Brasileiros — a despeito da nossa ancia febril de progresso social — si, mercê de Deus, possuímos escriptores da fêbra patriotica de Bernardo Guimarães, infelizmente bem longe estamos de ser tão modernos quanto os Belgas, que, sempre veneradores das suas tradições historicas, lá conservam, com tal ou qual respeito religioso, a sua *Bruges-la-Morte*, tão suggestivamente cantada, em bellos versos, por Georges Roddenbach, como uma doce mansão da Saudade.

Si, á imitação dos Belgas, devéras amassemos a civilização e a historia do nosso paiz, ainda hoje conservariamos umas tantas reliquias do Passado, como, por exemplo, a igreja do Collegio, onde, por longos annos, ecoou, inspirada, a voz eloquente de Anchieta... Mas, aqui, na “capital artistica,” como alhures, no torrão patrio, a picareta do Progresso cosmopolita, no seu desabusado afã modernizador, implacavelmente vae nivelando tudo: o passado e o futuro,

o antigo e o novo, a historia e a vida contemporanea...

"*Bruges-la-Morte*," como ainda, tão expressivamente, chamam os Belgas á vetusta patria de Van-Eick, — *Bruges-la-Morte* attráe sempre a attenção do visitante curioso pelo seu suggestivo archaismo e pelas suas veneraveis recordações. A quem quer que ali venha da parte viva da cidade, retempera-se-lhe a alma na Bruges da idade-média, que até hoje, sob a garra destruidora do Tempo, tem conservado todos os traços da sua impressionante originalidade.

O que, aliás, nessa Bruges "morta" attentamente se deverá ver, não são monumentos de pretenciosa estrutura, porque já os ha, em grande numero, por toda parte... Cumpre que ali, na antiquissima cidade flamenga, se procurem certos recantos perdidos, quasi occultos, onde, numa atmosphaera de doce melancolia, ainda vive todo um passado memoravel.

Ah! povo belga! Como não hei de invejar, para o meu paiz, esse teu sereno equilibrio entre o amor á Civilização e o respeito á Historia! Ainda agora, leio no *Nouveau Précurseur*, de Antuerpia, a bella descripção de uma visita feita, ha pouco, por Mr. Réalmont, á gloriosa cidade médiéva.

"Deante do cões do Rosaire — diz o provecto jornalista, pintando com deliciosas

meias-tintas a sua "*Bruges-la-Morte*," — deante do cães do Rosaire, ostenta-se ao sol uma dessas paizagens impressionadoras: além de uma ponte velha, que dáta de muitos seculos, dorme uma toalha-de-agua, lisa e transparente, na qual se miram casinhas vacillantes, atapetadas de hera. No fundo, ergue-se um convento, cujas multiplas torreolas e pequeninos campanarios se destacam em arestas vivas no céu azul. Repousa o coração e o espirito este espectáculo: tudo nas cercanias respira calma, e a gente, ahi, involuntariamente, pergunta a si proprio si a paizagem não foi, ha seculos, inteiramente petrificada, num claro dia de sol."

Ao ler estas linhas de fina prosa, tão captivantes na sua communicativa sinceridade, recordo-me do reparo feito, ha já algum tempo, por distincto jornalista brasileiro, no mais antigo dos matutinos paulistanos, após longo passeio pelo lado da Boa-Morte. Ali, meus amigos, é que hoje subsistem os restos da "São Paulo" colonial, isto é, da *São-Paulo-Morta*, que, ao contrario da Bruges mediéva dos adeantados Flamengos, a pouco e pouco vae desaparecendo sob a acção modernizadora da Arte e da Hygiene.

Era ali que outrora, em plena efflorescencia do romantismo, "o estudante mantinha o dominio da cidade," cantando ao luar em languidas serenatas lyricas e tecendo, através das ró-

tulas tradicionaes, como que através da têa luminosa do sonho, os seus idyllios ingenuos e, portanto, ainda innocentes. Era ali, dizem, que morava o doce poeta do *Evangelho nas selvas*, antes de, em versos já agora immorredouros, reviver o vulto heroico e lendario de Anchieta, figurando-o, não já no ambito severo da igreja do Collegio, desaparecida, não faz muitos annos, sob os golpes implacaveis dos alviões civilizadores, — mas através das brenhas, palmilhando veredas ínvias e percorrendo regiões inhóspitas, para narrar ao indio semi-nú, enlevado e feliz, a vida edificante do Divino Mestre, e desenhar, com a sua palavra sempre inspirada, como que a traços de fogo, os painéis sorridentes da Galiléa.

Pois bem. Esses restos da Piratinim antiga, da "*São-Paulo-Morta*," da nossa Bruges colonial, não tardarão a desaparecer por completo: para maior gloria da "capital artistica" deste cobiçado Brasil, serão irrevogavelmente substituidas por edificios modernos e elegantes, garridos e lirós, todas aquellas casinhas vetustas e tristes, de "hombreiras curvas e beiradas largas," — ultimos recantos de S. Paulo, onde, hoje, no dizer suggestivo do chronista, "se abriga envelhecida a alma do Passado!..."





XVI

TRADIÇÕES POPULARES



Si muito amor não temos aos monumentos históricos, ainda menos o possuímos para as nossas tradições poéticas conservadas nas festas populares de junho.

Nessa atroadora quinzena de folgança pyrotechnica, costumam os chronistas literarios prantear, em bellos floreios de estylo, aquelles ditosos tempos em que, tanto na roça como na cidade, se festejavam “á brasileira” os tres santos do jovial e ruidoso mez. E têm razão para taes lamentos os amaveis malabaristas da phrase... Com effeito, aquellas velhas usanças de nossos maiores, já quasi esquecidas nos grandes centros sociaes, não deixavam de ter um “quid” de poesia.

Pouco se nos dá, agora, de que esses costumes archaicos dos brasileiros tivessem algo de paganismo. Que mal fazia, meus amigos, que o povo — essa “criança grande,” no dizer do poeta maximo do seculo XIX —, como aliás toda criança que se préza, só se sentisse

feliz quando se entregava a esses ou a outros folgares innocentes?...

Não! Não serei eu quem affirme, com brutal franqueza, que é só a Civilização que nos vae apagando aos poucos o já desbotado traço da nossa nacionalidade... Queixemo-nos, antes, consoladamente, do invencível cosmopolitismo em que vivemos e a que hoje, pela lei das compensações, devemos beneficios incontestaveis. Desconhecer isto, para só reconhecer aquillo, fôra dar mostras de feia ingratidão a quem, suavemente, sem pau nem pedra, nos vae de todo desnacionalizando, para alancardorar-nos — quem sabe? — ao nível glorioso dos povos mais civilizados do melhor dos mundos possiveis...

Mello Moraes Filho, nos seus *Quadros e chronicas*, em brilhantes paginas descriptivas, fielmente nos narra o modo como outrora se costumava festejar o dia de S. João em algumas das ex-provincias do Norte. A essa festa genuinamente popular, que em longinquas éras, no vetusto Portugal, tinha ineffavel poesia, chamava Castilho “a festa do amor,” — assim como ao Natal chamava elle, no seu portuguez de lei, “a festa da amizade.”

Effectivamente, si nesta é que outrora parentes e amigos se congregavam junto á lareira confortante, ou em torno á mesa conciliadora, onde, provocantemente, fumegavam os apetitosos.

manjares da ceia tradicional, — era na outra que lá, em pleno verão, entre os descantes e folguedos da aldêa, perigosamente se accendiam muitos corações virgens, mais tarde estreitados, para o sempre da terra, pelos invisíveis, mas indissolúveis laços do matrimonio...

Foi innegavelmente no Norte que com raizes profundas se implantaram esses costumes tradicionaes do povo portugûês, — costumes a pouco e pouco revestidos, talvez por influxo do elemento africano, de um caracter originalissimo e inconfundivel.

Descrever taes usanças, mais ou menos ingenuas, do povo brasileiro, constituiu, em certa phase da nossa historia literaria, a principal preocupação de alguns escriptores illustres que, a todo transe, tentaram “crear” não já uma litteratura lídimamente nacional, mas a chamada “Litteratura do Norte,” tão discutida naquelle tempo e, ainda hoje, commentada por esclarecidos criticos.

Com franqueza: quizera eu que escriptores de tal quilate, tão bem dotados para a fórma literaria e não menos argutos na observação dos multiplos aspectos da nossa vida, ainda se dedicassem, não já á ethnographia do povo brasileiro, naquella ou em outra parte do nosso territorio, mas ao só estudo dos costumes do Brasil na heroica e lendaria patria

dos Andraças, — já quasi de todo desnacionalizada pelo exotismo invasor e triumphante...

Si os nossos poetas e prosadores, a exemplo de Mello Moraes Filho, Sylvio Romero e outros, em vez de lamentar o presente em deliciosos floreios de estylo, sinceramente votassem amor ao seu malsinado paiz, de certo as velhas tradições populares, como as festas do Natal, ou as de Santo Antonio, São João e São Pedro, não iriam desaparecendo assim, a pouco e pouco, tristemente esbatidas no esquecimento, sob a avassaladora influencia do cosmopolitismo da nossa época!

Neste ponto, meus amigos, para sermos de todo justos, queixemo-nos tambem de nós... Si em prosa ou verso de vez em quando revivessemos o nosso ingenuo passado, ninguem se abalançaria a affirmar, jámais, com menosprezo, que o povo brasileiro não tem historia...

Mas... *à quelque chose malheur est bon...*





XVII

A QUELQUE CHOSE...



quelque chose malheur est bon...

Este velho conceito que o sr. Pedro de Queiroz, no seu trabalho *A Evolução Cearense*, applicou ao "descobrimento" da luminosa patria de Alencar por occasião do tricentenário, veio trazer-me consoladora desillusão. Por quê? Adeante o direi...

Já ás portas da primavera, num desses dias hibernaes, em que um céu côr de chumbo, como vasto tecto de ardósia, parece querer desabar sobre a terra, — num desses dias hibernaes, costumava eu perguntar aos meus botões, com a mais candida ingenuidade, si, acaso, aquellas nuvens tôrvas, empanzinadas de agua, que lá andam, ás vezes, a arrastar-se pela atmosphera paulista, teriam vindo de muito longe, isto é, lá desses lendarios e eternamente sêcos desertos da Arabia Petrea...

Devéras, parecia-me que toda a agua clara de ignoradas fontes se havia volatilizado no espaço, para, assim condensada em lôbregos ne-

voeiros, vir pairar, quasi todos os dias, por sobre as nossas cabeças... Figurava-se-me, mesmo, que toda essa agua superabundante e inutil, — agua que, aqui, tão impertinentemente, nos rouba o fulgor do sol, o azul do céu, a alegria das aves e o sorriso das flores —, viria de plagas resequidas, onde a terra arde, as rochas lampejam e a atmosphera, fremente e fúlgida, apresenta sempre um quê de hostil, porque lá, em compensação, não ha um lago, um rio, uma fonte em que se espelhe toda a sua refulgencia.

Então, lembrava-me eu de que, enquanto aqui andamos constantemente enfadados com a ausencia do sol e com a ameaça de importunos aguaceiros, a infeliz *terra da luz* por lá se cresta e mirra, numa agonia sem termo, sob a belleza esplendente dos seus dias muito claros e anilados... E, porque nós, sob este céu londrino, vivemos quasi sempre a tiritar de frio, ou a vibrar ao sopro enregelante do noroeste, imaginava eu que os Cearenses, sempre torturados por um céu de fogo, vivessem exaustos de forças, inertes, entregues ao seu martyrio tantalico, estorcendo-se, como Laocoontes indefesos, nas terriveis espiraes da sêde e da fome...

Arrebatado assim, involuntariamente, em tão phantasiosa corrente de idéas, fazia eu a mim mesmo estas interrogações afflictivas: — De que vale nadar em luz e morrer de sêde?

De que serve gosar, sempre, o espectáculo de esplendidas auroras e succumbir á fome? De que serve, de que vale dormir, á noite, sob um céu eternamente estrellado e não encontrar, durante o dia, uma fronde verdejante para, á sua sombra amiga, fugir á eterna inclemencia da sêca?...

A estas interpellações ingenuas satisfactoriamente responde o sr. Pedro de Queiroz no seu opusculo, demonstrando, com eloquencia, que a sêca, para o Ceará, longe de ser um mal, é um bem... Para que outros tambem se tranquillizem, aqui vão transcriptas as palavras do escriptor cearense:

“E’ a sêca—repito—a disciplina do trabalho e do character, o apanagio do Ceará, a quem se póde applicar o conceito francês — *à quelque chose malheur est bon*. Em seus revêzes periodicos apura todas as suas energias, para triumphar na luta da vida.

Na atmosphera da calamidade acordam, no Cearense, qualidades que dormiriam o somno de Epimenides no ambiente do bem-estar permanente, remansoso.

E’ de lembrar o *ce qu’on voit et ce qu’on ne voit pas*, de Fred. Bastiat, a proposito do franco economizado na invenção da machina, Immediatamente, a sêca — qual Pandora entornando o cofre dos flagellos — importuna a terra com as suas abominações — *ce qu’on voit*. Por detrás, está a outra face do quadro. Na extrema raia dos destróços emerge profunda, vivaz, austera, a lição da vida. No fundo do vaso mysterioso brilha o bloco de ouro do beneficio, da compensação — *ce qu’on ne voit pas*.”

Depois de, com Spencer, nos lembrar que — “ha uma alma bôa nas cousas más,

como uma alma de verdade nas cousas falsas," — ainda adverte o sr. Queiroz, no seu interessante opusculo :

"A actividade do Cearense se estimula no endurecimento do meio physico que lhe augmenta o grau de tensão. Após a força de retracção, vem a força de expansão, que multiplica todas as faculdades. E' o segredo maravilhoso da grande lei das compensações..."

Abençoado o povo que, como o Cearense, apesar dos mais formidaveis revézes, não desama o torrão natal e a elle cada vez mais se lhe apegá pelas raizes fundas, penetrantes, inextirpaveis, do patriotismo!





XVIII

NON OMNIS MORIAR!...



m povo que, como o Cearense, tão vivamente préza as suas tradições historicas, a sua raça e o seu torrão natal, bem poderá dizer:

— *Non omnis moriar!* “De todo não morrerei!” — como exclamou Horacio quando, orgulhosamente, numa das suas *Odes*, já se inculcava immortal.

Sim. Os que bem ou mal fixam no papel a sua individualidade artistica, permittindo aos pósteros o avaliar-lhes, não só a feição do espirito, senão tambem o character pessoal, — os que assim, com mais ou menos fidelidade, a si mesmos se fixam nos documentos literarios da sua época, bem podem acreditar que de todó não morrerão.

Com ou sem vantagem para si proprios, o escriptor e o poeta, manejando a penna, logram fixar na tela do futuro todo o seu valor psychologico, — embora a Critica haja de lutar, mais tarde, com arduas difficuldades, para, com

justeza, aquilatar o valor moral deste ou daquelle artista da palavra escripta.

De feito, para os pósteros, só o escriptor ou o poeta consegue deixar nas suas obras, mediocres ou admiraveis, a silhueta fiel da sua individualidade. O orador, esse, ainda quando possúa a vigorosa têmpera de um Demosthenes, de um Cicero ou de um Mirabeau, apenas ficará conhecido dos vindouros em parte mui deficiente, sinão insignificante. No papel, para julgamento da posteridade, vemos fixado tão só aquillo a que nós, com tal ou qual exactidão, chamariamos — “a sua penumbra...” Nem mesmo a sua sombra, com aquelles fortes ou mal esbatidos lineamentos que se nos depaeram na obra de certos genios, — nem mesmo a sua sombra, ahi, á primeira vista, conseguimos descobrir.

A maior e melhor parte do orador é a sua propria pessoa! — já o proclamava Castellar. E é. A vivacidade do olhar, o complicado jogo physionomico, a sonoridade cambiante da voz, a magica imponencia do gesto, a serena majestade do porte, — tudo isso, meus amigos, não se passa para o papel, e, consoante tambem o observava, nas suas aulas de leitura, o venerando Legouvé, taes accessorios representam, pelo menos, para a Critica, dous terços da individualidade do orador. A palavra deste, quando escripta, é, a bem dizer, a parte menos *viva* da sua personalidade...

Tão justo e veridico reparo, aqui mesmo, em nossa patria, vemol-o sobejamente confirmado no nosso segundo José Bonifacio. Quem é que, lendo hoje aquelle forte volume dos seus *Discursos parlamentares*, logrará avaliar-lhe todo o assombroso valor oratorio, si ahi, nessas paginas mortas, para compensar o que ao papel jámais se pudera trasladar, debalde procuraremos o estylo plastico de um Antonio Candido ou de um Latino Coelho?...

E' verdade. Si o orador ou tribuno, pela feição especial do seu espirito, nunca será justamente aquilatado pelos vindouros, muito menos o será o actor, quando, ao contrario de Shakespeare ou Molière, não deixar, como autor genial de obras immortaes, toda a medida do seu prodigioso talento artistico.

Em José Bonifacio, muito embora o não conheçamos na sua maior parte, ainda assim podemos admirar-lhe a idéa, — mirífica semente de luz, que sempre remanesce para fecundar o espirito do homem futuro e que, seja qual fôr o seu envólucro, ha de, inevitavelmente, permanecer incólume sob a acção destruidora do tempo.

Acaso, ser-nos-ia permitido dizer outro tanto de João Caetano? Cuido que não. Qual de nós, meus amigos, por melhor que nol-o pintem, terá hoje uma noção, já não direi exacta, mas aproximada, desse vulto maximo da scena

brasileira? Ninguém, — ainda mesmo que a admiração de um discipulo entusiasta como Mello Moraes Filho, realçando-lhe o vulto esculptural com luminosos toques de romanticismo, nol-o pinte de modo tão seductor, como o fez, com vigoroso brilho, no estudo psychologico e artistico editado, ha tempos, em elegante brochura, com o suggestivo titulo — *João Caetano*.

Nessas poucas paginas, que li de um follego e sempre arrastado pelo estylo do imaginoso escriptor, — nessas paginas, vemos traçado com firmeza, sinão tambem com verdade, o gigantesco perfil do Talma brasileiro, — daquelle de quem, em brilhante synthese, nos diz o douto e scintillante biographo :

«Como actor e como homem, João Caetano era uma individualidade de excepção. Desde o costume de persignar-se antes de entrar em scena, até ao modo de ser cavalheiro, havia nelle espontaneidade, verdade e distincção. Sabia ser amigo directo, e sabia sel-o indirectamente. Bem educado, de raça branca, finamente carinhoso, elogiava alto e reprehendia baixo, como em geral as personalidades da sua especie. Ninguém melhor que elle reconhecia o merito e applaudia os artistas da sua classe.»

Si estas linhas, com respeito a João Caetano, cabalmente não definem o *artista*, de certo dão uma idéa nítida do *homem*. E já não é pouco.

A' força de parecerem fidedignas, parecem-me assaz curiosas as informações que nos

seguintes periodos nos offerece Mello Moraes Filho sobre o modo como o patriarcha da scena brasileira costumava cultivar a sua arte :

«Em João Caetano o actor completava o homem; a arte era a documentação do artista. Modelando o exterior dos personagens que tinha de representar pelas gravuras historicas, que reproduziam estatuas e quadros dos melhores mestres, os caracteres e costumes tornavam-se-lhe de facil apprehensão com o relevo dos seculos, com o colorido dos imperios: dahi, o typo authenticos dos heróes, a propriedade dos vestuarios por elle introduzidos em nosso palco, realizando com isso no Brasil o que puzeram em pratica Lekain, Talma e Frédéric Lemaître no theatro francês. Em sua sala de estudos estaticos, isto é, de posições classicas e esculpturaes, de ensaios de declamação e de gestos, de expressão de emoções e de graciosidade de pannejamentos, o eminente actor, em sua casa na rua do Lavradio, no centro de um crystal de espelhos, corrigia-se a si proprio, ensinava-se a si mesmo».

Estas e outras linhas, tão impressionantes em sua suggestiva sinceridade, não lhes apresentam, meus amigos, um feliz esboço de João Caetano como artista? Acredito que sim. Entretanto, o poderoso cerebro desse genio, que com tal apuro cultivava a *arte de simular*, era, ás vezes, dominado pelo coração. Dahi resultava que, nelle, o actor, cedendo por vezes á natureza, deixava de ser *artista*, para simplesmente ser *homem*. Como prova, muito vale aquelle falseamento scenico de que fôra victima João Caetano, e que elle mesmo, numa das suas prelecções sobre a arte dramatica, narrava a Mello

Moraes Filho e a outros seus discipulos de declamação theatral. Alludo ao facto que com o grande artista occorrera quando este, sob a angustiante pressão da dôr de ter perdido seu pae, entrara em scena representando o *Hamleto*.

Seja ainda o festejado escriptor das *Festas e tradições* quem, com o seu estylo colorido e facil, nos refira, em poucas phrases, o notavel e curioso caso :

«Dominado ainda pelo lutuoso acontecimento, na situação em que o principe da Dinamarca, abraçado com a urna funeraria, fala com as cinzas paternas, elle tanto se possuiria do emocionante lance que, suffocado em pranto, num delirio de soluços, deixara de ser o actor, para ser o desvairado filho. Interrompido o espectáculo por essa crise subitanea, baixou o panno para se erguer do novo».

Vejam ! Aquelle impetuoso pranto já não era a Arte supprindo a Natureza: era a Natureza supprindo a Arte !





XIX

ARTIFICE DA PALAVRA



Quantas vezes, no manejo da palavra escripta, não nos custa alcançar que a Arte suppra a Natureza, — ao contrario do que, não raro, succedia com o grande João Caetano!... E era este o phenomeno curioso que em Affonso Celso Garcia, o inolvidavel jornalista, tive eu occasiões de observar. O que no estrenuo defensor do povo sempre se me figurou digno de estudo era a limpeza, a transparencia, a crystalinidade do seu estylo, — tão singelo, tão natural, tão insinuamente amavel!

Emtanto, poucos, bem poucos saberão com que difficuldade lhe sahiam aquelles periodos lapidares, por elle pacientemente cinzelados com o escrupulo honesto de um escriptor que, manejando a penna como instrumento de trabalho, joga mais com idéas que com vocabulos, — sempre fôscos e inanes quando atirados sobre o papel sem primeiro passarem pela joeira da meditação.

Penoso e longo era o labor dos seus magistraes artigos, —travadissimos de rasuras, de emendas, de inversões ou chamadas, mas, em compensação, apresentando sempre, depois de impressos, a apparencia perfeita de haverem brotado de um só jacto!... Ao lêl-os, tinha a gente a illusão estranha de estar *bebendo* pelos olhos, socegradamente, um filete tranquillo de agua saborosa e clara. Tal a frescura, a leveza, a delicia da sua phrase sempre nítida, sempre conceituosa, sempre accessivel á intelligencia inculta do povo!

E é este, na historia literaria da imprensa paulistana, o inapagavel relevo com que, algum dia, em plena luz, ha de deparar-se á Posteridade esse vulto glorioso de democrata *sans peur et sans reproche*. Por isso, bem merecida foi a homenagem popular que á memoria do modesto publicista já se prestou em bronze, ali, no largo dos Guayanazes, ao commemorar-se o primeiro anniversario da sua morte.

Ninguem, até hoje, ao que supponho, foi mais abnegado e sincero na defesa dos interesses vtaes do povo, a cujo lado o estimadissimo escriptor sempre se achou de penna em riste, brandindo-a com a mesma galhardia cavalheiresca com que, na idade-média, floream as armas os paladinos das grandes causas. Tambem, dos nossos escriptores populares, nenhum, até hoje, reuniu mais solidos e brilhantes

elementos para se fazer comprehender pelas turbas, agitando-as no seu intimo, falando-lhes vivamente ao cerebro e ao coração, abrindo-lhes, enfim, consoladores horizontes de paz e de esperança.

O bom-senso — essa qualidade primacial no escriptor que se preza de exercer uma função social ou humanitaria, — o bom-senso era a bussola segura que norteava o espirito de Celso Garcia, quando elle, aproando para os seus ideaes nobilissimos, que eram os mesmos da multidão dos fracos, dos humildes, dos opprimidos, abria estrada larga por entre os egoismos e interesses subalternos da época. Dir-se-ia um sonhador neste cyclo de materialismo em acção, de attritos quotidianos entre ambições inconfessaveis, dê luta à *outrance* pelo bem-estar do momento, sem receios nem escrúpulos de consequencias dolorosas no futuro.

Um sonhador, sim, — pois outra cousa nos não parece aquelle que, no tragico *ferve-opus* da vida contemporanea, esquecendo-se do proprio eu, faz repousar a sua felicidade individual na gloria platonica de haver, com a palavra e com a acção, contribuido para a felicidade problematica ou longinqua de uma collectividade que bem cedo esquece os seus corypheus ou paladinos... Nem outro era, afinal, o sonho do heróe manchego ou do cadete gascão, terçando aquelle a sua pesada durindana

e pompeando este, no ar, simbolicamente, o seu levíssimo *panache*... E qual de nós, meus amigos, — homem da penna ou da tribuna, — impellido por um ideal generoso de paz, de fraternidade ou de justiça absoluta neste orbe terraqueo e sublunar, não tem a sua tarazinha hereditaria de Quichote ou de Cyrano?... Quando, realmente, deixará de ser sentimental e sonhadora a humanidade que soffre e espera?...





XX

PALADINO DAS LETRAS



todos quantos nesta terra se votam á literatura, toca o dever de não deixar em completo olvido o nome de Valentim Magalhães. Assim como o saudoso Celso Garcia foi um paladino do povo, foi elle um paladino das letras. Effectivamente, no Brasil, ninguém até hoje se bateu com mais ardor pela elevação do nosso nivel literario e pela regeneração esthetica da Mocidade.

Nos estreitos limites de uma palestra não cabe a analyse, mesmo perfunctoria, dessa complexa organização de escriptor. E' que Valentim, na sua vida agitadissima de literato, foi tudo, sem aliás persistir em ser cousa nenhuma... Foi poeta, chronista, critico, romancista, professor, polemista, politico e... até financeiro! Como se comprehenderia que em tudo se destacasse com relevo o seu omnimodo talento, por mais potente e operoso que fosse?

Sobre a especialidade ou genero em que mais primou o incansavel literato divergem as

opiniões. Acho, porém, que Valentim, pelo seu temperamento sôfrego — antithese perfeita do meticuloso Celso Garcia! — não teve tempo de primar em genero algum. Não teve. Em todo caso, si na poesia e na chronica é que a sua imaginação de latino mais vigorosamente se evidenciava, foi na critica, algumas vezes — não sempre, infelizmente! — que de um modo nitido se nos descortinou o seu espirito de eleição.

Muito de industria affirmo que Valentim nem sempre se me antolhou verdadeiro critico. E não falto á verdade. Quem já se não recorda das lóas entusiasticas por elle sempre entoadas a Raymundo Corrêa, “o artista maravilhoso, de extraordinario sentimento poetico, de naturalidade fresca e deliciosa,” etc. ¹⁾ — e das objurgatorias acerbas por elle endereçadas a Adolpho Caminha — “um inconsciente por obcecação literaria ou perversão moral”? ²⁾ Nesses juizos, tão clamorosamente absolutos, seria sempre sincero e justo o nosso mallogrado Valentim? Creio que não. Nem Raymundo Corrêa era, naquelle tempo, um poeta que fizesse jus a tão fervente divinização, nem Adolpho Caminha, na mesma época, era escriptor que merecesse tão ignominioso menoscabo...

Emtanto, quando Valentim, desprendido

¹⁾ V. *Escriptores e escriptos*, pag. 72.

²⁾ V. *Noticia*, do Rio, n. de 20 de novembro de 1895.

de antipathias, ou amizades pessoas, serenamente analysava uma producção alheia, ninguém melhor que elle, com mais independencia, leveza e brilho, sabia julgar-a como obra de arte, ou documento literario. Tinha um finissimo tacto esthetico, mais para mostrar o que se devêra fazer, do que para elle proprio o executar... E não o executava elle proprio, porque, impetuoso em produzir, quasi sempre produzia á pressa, *à la diable*, por uma irresistivel solicitação de momento, não tendo, depois, como Celso Garcia, a precisa paciencia ou o tempo indispensavel para polir e aprimorar as suas producções literarias, — producções que José Verissimo, não sem justiça, classificou de *literatura apressada*...

Essa impetuosidade de temperamento, aliás, muito bem lhe ia quando elle, como polemista, mostrava todo o fulgor do seu talento e toda a opulencia da sua erudição.

Ninguém, na literatura brasileira, foi ainda mais discutido, nem mais guerreado que Valentim. Por quê? Porque, tambem, em nossa literatura, pela sua franqueza (bem ou mal entendida), ninguém grangeou maior numero de inimigos e desaffectedos. Elle mesmo, assediado de insultos que de toda parte, directa ou indirectamente, o alvejavam na imprensa, elle mesmo fazia notar esta verdade n'*A Noticia*, em 1895, como que disfarçando, sob um sarcasmo ironicamente jovial, a amarga decepção do seu

espírito, quando dizia: — “Paciencia! Recebel-os-ei com resignação e cara alegre. Não são os primeiros... nem serão os ultimos, si Deus quizer e me ouvir os votos.”

Desgraçadamente, não se póde negar que Valentim, a pretexto de combater a imbecilidade audaciosa, chegou, mesmo, por vezes, a hostilizar, sinão tambem a perseguir, alguns desses "novos" que hoje, apesar de tudo, lhe não perdoam aquella attitude aggressiva, ainda que bem intencionada. Comtudo, forçoso é convir em que elle prestou serviços inolvidaveis ás nossas letras, não só combatendo o pieguismo de certos vates de fresca data, mas ainda evangelizando o culto da fórma, — então quasi inteiramente descurado no Brasil.

De Marmontel, o intransigente doutrina-dor literario, com espirito dizia Voltaire: — “Elle conduziu os outros para a terra da Promissão, mas... não lhe foi permittido lá entrar...” De Valentim, com justiça, outro tanto se não poderá dizer. O seu talento devéras peregrino, muito embora, por voluvel e cambiante, tivesse algo de papilionaceo, não raro entrou — ade-jando victoriosamente — em varios ramos da nossa literatura.



XXI

ARTE DE REFLEXO



Realmente, muito fez Valentim pelo cultivo da fôrma literaria no Brasil, combatendo com denodo, sem treguas, o tresloucado desalinho romantico de certos versejadores sem correcção nem originalidade. Entretanto, a despeito de todo esse combativismo... parnasiano, o proprio Valentim jámais se libertou do seu lyrismo primitivo, mais ou menos condoreiro... Isto bem se póde observar n'*Os dois edificios*, — bella producção poetica, onde elle, em suggestiva antithese, hugoanamente compara a *cadeia á escola*:

A cadeia é um vasto, um rigido edificio
Feito de ferro, pedra e maldições e ais,
Em que blasphema o crime e em que fermenta o vicio.

Os muros de granito, immoveis, colossaes,
Sepultam no seu ventre a dôr, o sacrificio,
A medonha explosão das raivas infernaes.

Na escola bate o sol alegre, esplendoroso,
Saem de lá de dentro as vozes infantis
Como de um ninho quente um canto perfumoso.

Estão presos ainda os passaros gentis!
E' quasi meio dia. Um velho criminoso,
Da cadeia, encostado, espreita nos gradis.

Tem a cabeça branca, as faces encovadas
E uns olhos de chacal. Encara de travéz,
E ri-se de vagar com funebres risadas.

Entregava-se em moço ao jogo e á embriaguez.
Uma noite matou um homem ás facadas;
Depois, foi atirado á noite das galés.

Encostada a cabeça aos ferros da janella,
Queda-se a meditar. Com triste lentidão
Passeia de espingarda ao hombro a sentinella,

Sôa um sino na escola e logo a multidão
Das crianças, sorrindo, alegre, tagarella,
Sae á rua, a gritar, pulando, em confusão.

Immovel na janella, o velho condemnado
Os meninos contempla, alegres a correr...
E com um tom de voz, profundo, amargurado,
Murmura surdamente: «Eu nunca soube ler!»

Nesta poesia—talvez a melhor de Valentim
—fortemente se reflecte a influencia de Luís
Delfino, o laureado mestre do parnasianismo
no Brasil,—mestre a quem elle, o severo cri-
tico, nos bons tempos d'*A Semana*, com ar-
doso entusiasmo acclamara "o maior poeta
brasileiro"...

Vejamos a joia de esmerado labor em
que o altisono vate da *Solemnia verba*, em
soberba antithese, tambem compara a *escola* a
uma *cadeia*, — a tenebrosa *cadeia* dantesca:

A CIDADE DA LUZ

"Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate!"

Queste parole di colore oscuro

Vid'io scritte al sommo d'una porta...

DANTE, Inf. II.

Vós que buscaes a senda da esperança,
Entrae: aqui ha mundos luminosos
Num céo, que a mão, por mais pequena, alcança.

A alma aqui se refaz de ethereos gosos;
Vinde para o paiz da primavera,
Vós que deixaes os mundos tenebrosos.

Tanta luz aqui dentro vos espera,
Que sahireis estrellas redivivas,
Como as que brilham na azulada esphera.

Almas, das trevas lugubres captivas,
Abri as vossas asas rutilantes;
Entrae, bando de pombas fugitivas.

Nas curvas destes pórticos gigantes
Haveis de ler uma inscripção, que alente
Os vossos vãos inda vacillantes.

E' aqui o paiz do amor ardente.
Quem entra, leva um peso aos pés atado,
Como o mergulhador do mar no Oriente,

Que sóbe á tona leve e festejado,
E vem de tantas perolas coberto,
Que nem se lembra do labor passado.

Para encravar um éden no deserto,
Fazer um sol de um monte de granito,
E para ver melhor o céu de perto,

Encostar uma escada no infinito,
Entrar pela estellífera voragem,
Ser razão o fanal, verdade o mytho,

E armado de tenaz, feroz coragem,
Arrasando os enigmas da vida,
Cavar nas trevas lúcida passagem...

A isto esta cidade vos convida.
Entrael Por mais que a noite em vós se note,
Tereis um astro á frente na sahida.

Da cidade moderna é luz o mote
Que na porta da entrada arde e flammeja.
Entrael A escola é cathedral, igreja;
Hostia—a sciencia; o mestre—sacerdote.

A influencia ou, melhor, o *reflexo* de Luís Delfino em Valentim, n'Os *dois edificios*, é flagrante. Tal facto, aliás, não nos deve admirar, porque o ardoroso critico, possuindo todos os segredos da fórmula parnasiana, era, (talvez á mingua de idéas originaes), melhor traductor do que autor. Sirva de documento a sua famosa versão do não menos famoso *Vase brisé*, de Sully-Prudhomme :

O VASO QUEBRADO

O vaso desta flôr, que morre breve,
Feri-o um dia um leque distraído,
E de um golpe tão rapido, tão leve,
Que nem se ouviu o minimo estalido...

Mas a tenue ferida traiçoeira,
No limpido crystal rasgando a traça,
Lentamente cresceu, de tal maneira,
Que, invisivel, o vaso todo abraça.

Gôta a gôta, fugiu-lhe a agua do seio,
E a seiva às flores, o perfume amado.
Ninguém, por ora, o caso a saber veiu...
Não lhe toqueis, porém:—est á quebrado!

Tal, ás vezes, da linda mão querida
Tocado, o coração chora e padece;
E enfim, cedendo á pérfida ferida,
Parte-se, e a flôr do seu amor fenece.

Perfeito e alegre elle parece ao mundo;
Porém, sem a denuncia de um gemido,
Sente o golpe crescendo-lhe, profundo...
Não lhe toqueis: é um coração partido.

Fosse original esta composição e, porventura,
seria, no verso, a obra-prima de Valentim
Magalhães.



XXII

MIMETISMO LITERARIO



ratando, ha tempos, de um poeta novél, mas assaz promettedor pelo seu bello talento, lamentei que, na sua ancia serôdia de parnasianismo, insistisse em desvirtuar-se por tal ou qual mechanicismo de laboração poetica e, ainda mais, pelo vezo de arremedar, não já na fórmula, mas na essencia, os trabalhos de outros por demais conhecidos e imitados. Em contraste, lembrou-me, então, o adoravel *mimetismo* literario de Gonçalves Crespo, — o sereno artista das *Miniaturas* e dos *Nocturnos*, — caso realmente digno de estudo na historia da literatura luso-brasileira.

Crespo, no sentir de um seu biographo e amigo, nunca foi uma individualidade como poeta. Literariamente, vivia, a bem dizer, uma vida de reflexo. Não tinha, mesmo, vida autonoma. Para versificar, jámais prescindiu do excitante de outro poeta que, mais forte do que elle, o agitasse antes de produzir. Quasi exclusivamente preocupado com a technica do verso, pouco

se lhe dava de perder a nota individual que — bem o sabia elle! — é o que valoriza todo artista de raça.

Assim, sob o influxo das ultimas impressões, imitava Heine, Gautier, Campoamor, João de Deus, Simões Dias, ou outros poetas, vernaculos ou exóticos.

O que, porém, na obra de Crespo merece especial reparo — e isto, cuido, á mingua de razões valiosas, já seria argumento forte para o reivindicarmos como poeta nosso—é a influencia empolgante, sinão dominadora, que sempre sobre o seu espirito exerceram os poetas brasileiros. De feito, averigui que, si elle lia Casimiro de Abreu, produzia versos como os do cantor das *Primaveras*; si lia Varella, poetava como o bardo dos *Cantos meridionaes*; si lia Alvares de Azevedo, devaneava como o vate da *Lyra dos vinte annos*... A titulo de curiosidade, para aqui traslado algumas notas que, a tal respeito, tomei em 1895, ao fazer mais repousada leitura de toda a sua obra poetica.

Tentemos, apenas, estes confrontos, que se me antolham interessantes:

Gonçalves Crespo, n' *A séssta*:

Na rêde, que um negro moroso balança
Qual berço de espumas,
Formosa crioula repousa e dormita,
Emquanto a mucamba nos ares agita
Um leque de plumas.

Na rêde perpassam as tremulas sombras
 Dos altos bambús;
 E dorme a crioula de manso embalada,
 Pendidos os braços da rêde nevada,
 Mimosos e nós!

.....
 Na rêde olorosa, silencio! deixai-a
 Dormir em descanso!
 Escravo, balance-lhe a rêde serena;
 Mestiça, teu leque de plumas acena
 De manso, de manso...

Casimiro de Abreu, *Na rêde:*

Nas horas ardentes do pino do dia
 Aos bosques corri;
 E, qual linda imagem dos castos amores,
 Dormindo e sonhando cercada de flores
 Nos bosques a vi,
 Dormia deitada na rêde de pennas
 — O céu por docel, —
 De leve embalada no quieto balanço,
 Qual nauta scismando num lago bem manso,
 Num leve batel!

Dormia e sonhava — no rosto serena,
 Qual um seraphim;
 Os cílios pendidos nos olhos tão bellos
 E a brisa brincando nos soltos cabellos
 De fino setim!

Crespo, nos *Destinos:*

Tu és a andorinha tímida
 Em migração para o sul;
 Eu sou o abutre esfaimado,
 Esse demonio emplumado,
 O escuro Ahasvero do azul.

Tu és a prece bemdita,
 Que da innocencia partiu;
 Eu sou o grito raivoso
 Do miserrimo Leproso
 A quem o Senhor feriu.

Tu és o ramo de anémonas
 Que sobre o altar renasceu;
 Eu sou a folhagem mesta
 Da mandrágora funesta,
 Que da força aos pés nasceu.

Varella, na *Juvenilia*:

Tu és a aragem perdida
 Na espessura do pomar;
 Eu sou o folha cahida, etc.

Crespo, na *Consolação*:

Quando á noite no baile esplendoroso
 Vaes na onda da valsa arrebatada,
 Com a serena fronte reclinada
 Sobre o peito feliz do par ditoso...

Mal sabes tu que existe um desditoso
 Faminto de te vêr, ó minha amada!
 E que sente a sua alma angustiada
 Longe da vista do teu olhar piedoso.

Alvares de Azevedo, na *Lyra dos vinte annos*:

Quanto á noite no leito perfumado
 Languida a fronte no sonhar reclinás,
 No vapor da illusão, por que te orvalha
 Pranto de amor as palpebras divinas?

.

Um volver de teus olhos transparentes,
 Um olhar dessa palpebra sombria,
 Talvez pudesse reviver-me n'alma
 As santas illusões de que eu vivia!

Crespo, no poema *Sara*:

Sara, quando me vês, suave e brando,
 Repellir os teus beijos amorosos,
 Talvez julgues, mulher, ir declinando
 O alegre sol dos dias teus formosos.

Como te enganas, flôr! Choro pensando
 Que foste irmã dos lírios setinosos,
 E que talvez o céo fulgiu brilhando
 De teus olhos nos raios luminosos...

Alvares de Azevedo, na mesma *Lyra*:

Quando falo contigo, no meu peito
 Esquece-me esta dôr que me consome:
 Talvez corre o prazer nas fibras d'alma
 E eu ousou ainda murmurar teu nome!

Que existencia, mulher! Si tu souberas
 A dôr de coração do teu amante,
 E os ais que, pela noite, no silencio
 Arquejam no seu peito delirante...

De todos os poetas brasileiros o que mais funda impressão parece haver deixado no espirito de Gonçalves Crespo é, indisputavelmente, um poeta paulista — Alvares de Azevedo. Até aquelle sublime *Alguem* — sem duvida uma das joias poeticas da lingua portugûesa, — até aquelle mimo de emoção e primor de fórma se

me afigura inspirado, ao menos de longe, pelo-meigo e affectivo poeta academico. Não custa examinar.

Diz Crespo, no *Alguem*:

Para *alguem* sou o lírio entre os abrolhos
E tenho as fórmãs ideaes do Christo;
Para *alguem* sou a vida e a luz dos olhos,
E si na terra existe é porque existo.

Esse *alguem* que prefere ao namorado
Cantar das aves minha rude voz,
Não és tu, anjo meu idolatrado!
Nem, meus amigos, é nenhum de vós!

Quando alta noite me reclino e deito
Melancolico, triste e fatigado,
Esse *alguem* abre as asas no meu leito,
E o meu somno deslisa perfumado.

Chovam bençams de Deus sobre a que chora
Por mim, além dos mares. Esse *alguem*
E' de meus dias a esplendente aurora,
És tu, doce velhinha, ó minha mãe!...

Sobretudo a terceira estrophe e o final da ultima lembram estes versos de Azevedo:

A MINHA MÃE

És tu, alma divina, essa Madona
Que nos embala na manhã da vida,
Que ao amor indolente se abandona
E beija uma criança adormecida.

No leito solitario és tu quem vela
 Tremulo o coração que a dôr anceia,
 Nos ais do soffrimento inda mais bella
 Pranteando sobre uma alma que pranteia.

E si pallida sonhas na ventura
 O affecto virginal, da gloria o brilho,
 Dos sonhos no luar a mente pura
 Só delira ambições pelo teu filho!

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,
 Quando a lua no mar se vae doirando:
 — Pensamento de mãe é como o incenso
 Que os anjos do Senhor beijam passando.

Creatura de Deus, ó mãe saudosa,
 No silencio da noite e no retiro
 A ti vòs minh'alma esperançosa
 E do pallido peito o meu suspiro!

Como se vê, em que pese á opinião de
 respeitaveis criticos, Gonçalves Crespo, não obs-
 tante haver-se educado em Portugal e ter lá
 sempre vivido, é, literariamente, um poeta brasi-
 leiro. Ainda bem para as nossas letras!





XXIII

IMPRESSIONISMO POETICO



om Hugo Leal, o pranteado poeta maranhense tão cedo arrebatado ás letras, dava-se um phenomeno de ordem psychologica que, á justa, não se pudéra dizer *mimetismo* literario: era, antes, um caso de *impressionismo* poetico.

O ardoroso lyrico das *Rosas de Maio*, produzindo longe do torrão natal, não pôde furtar-se á suggestiva dolencia de alguns poetas brasileiros, — especialmente de Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu. Pena foi que, quando elle, assaz robustecido pelo estudo, já se ia emancipando de influções estranhas, pérfidamente o victimasse a tuberculose no Rio de Janeiro, onde, em março de 1883, na curta idade de 25 annos, se apagou para o mundo o seu fulguroso espirito!

Foi a nostalgia a primeira musa de Hugo Leal. Na Europa, aprofundando-se nas letras e nas sciencias, desabafava elle as saudades em singelos queixumes lyricos. Assim

é que, em Setubal, na patria de Bocage, ao contemplar, absorto, a natureza daquella região paradisiaca, enlevado embora pelos encantos poeticos das risonhas margens do Sado, não se conteve sem suspirar:

Tudo isto, emfim, que eu vejo . . . são saudades
Que inundam minhas palpebras de pranto . . .
Saudades — dessa terra que idolatro,
Dessa Laura gentil que eu amo tanto.

Mesmo em Paris, no torvelinho azoizante da grande capital, — mesmo ahi, as saudades dilacerantemente o punham, fazendo-o prantear:

A lua noutros céos de azul contemplo;
Bebo harmonias no vagar errante
De outras estrellas de brilhar mais pallido;
Hauro perfumes no correr macio
De uma outra brisa de estrangeiras plagas;
Vago saudoso por estranhos climas,
Cantando a Patria que enamoro em sonhos,
Cantando a Patria que do exilio adoro!

Por isso, não é para estranhar fosse Casimiro de Abreu o poeta que, ali, mais vivo influxo lhe exercesse na alma, — saudosamente patriótica, consoante se sente destas ingenuas quintilhas:

Oh! meu Deus! quantas saudades
Eu tenho do meu Brasil!
Daquelles campos em flores!
Da infancia dos meus amores!
Da minha quadra infantil!

Saudades, fundas saudades
 De tudo que lá deixei;
 Saudades — de meus brinquedos,
 Saudades — de meus folguedos,
 Saudades — de quanto amei!

Anhelo por contemplar-te,
 Oh! meu céu!... Oh! patria amada!...
 No ether, que sons de amor,
 Que hymnos ha na alvorada!
 Que ais! que frouxo rumor?

Aqui, como se vê, não ha imitação, mas
 funda impressão daquellas inesqueciveis oitavas
 do infeliz poeta das *Primaveras*:

Oh! que saudades que tenho
 Da aurora da minha vida!
 Da minha infancia querida
 Que os annos não trazem mais!
 Que amor, que sonhos, que flores,
 Naquellas tardes fagueiras,
 A' sombra das bananeiras,
 Debaixo dos laranjaes!

.....

Oh! dias da minha infancia!
 Oh! meu céu de primavera!
 Que doce a vida não era
 Nessa risonha manhã!
 Em vez das maguas de agora,
 Eu tinha, nessas delicias,
 De minha mãe as caricias
 E beijos de minha irmã!

As quintilhas de Hugo Leal tambem
 nos lembram estas estrophes, não menos
 inolvidaveis, do saudoso poeta brasileiro:

Nas horas mortas da noite,
Como é doce o meditar
Quando as estrellas scintillam
Nas ondas quietas do mar;
Quando a lua, majestosa,
Surgindo linda e formosa,
Como donzella vaidosa
Nas aguas se vae mirar !

Nessas horas de silencio,
De tristezas e de amor,
Eu gôsto de ouvir ao longe,
Cheio de magua e de dôr,
O sino do campanario,
Que fala tão solitario,
Com esse som mortuario
Que nos enche de pavor.

Então — proscripto e sózinho —
Eu sólto aos écos da serra
Suspiros dessa saudade
Que no meu peito se encerra.
Esses prantos de amargores
São prantos cheios de dôres :
— Saudades — dos meus amores,
— Saudades — da minha terra !

Esta influencia, tão penetrante, de Casimiro no estro juvenil de Hugo Leal mui naturalmente se explica pela semelhança de situação: segregado dos seus e exilado em Coimbra, num internato, para completar os preparatórios, de lá trouxe o nosso poeta o terrível mal que o devia levar ao tumulo. Ralado de saudades como o lyrico das *Primaveras*

quando longe da Pátria,—de nada lhe valêra,
depois, o céu, a natureza, o ambiente delicio-
so do seu Brasil, si elle, nos pulmões indefesos,
traioeiramente escondida, já carregava comsigo
a Morte !





XXIV

CAMONEANISMO

BRASILEIRO



em se comprehende o arremedo ou *mimetismo* literario de um poeta quando circumstancias especiaes da sua vida (intellectual ou affectiva) de certo modo o approximam de outro. Tal o caso de Adelino Fontoura a imitar Camões em mimosos sonetos lyricos. E' que o mallogrado vate maranhense, como Camões, amou sem ventura a uma mulher real, e não a uma dessas damas imaginarias — mais ou menos pastoras ou princezas — de quem, em estrophes fabricadas a martello, tão sem proveito se queixam alguns ver-sejadores nossos . . . O seu amor á donzella que cautelosa se lhe esquivava, era um verdadeiro culto, estreme de materialidade ou impureza, ideal e nobre, — e não um culto eivado da sensualidade doentiamente pagã de que hoje fazem gala uns tantos adoradores de *deusas* irreaes . . . E exactamente em ter Ade-

lino amado assim, tão sem ventura, a uma mulher de carne e osso, é que está o segredo por que sempre nos falam á alma de um modo particular os seus commoventes sonetos, — quasi todos de um delicioso camoneanismo. A's vezes, como lá diz o sr. Queiroz na sua "Evolução Cearense," *à quelque chose malheur est bon* . . .

Ha tempos, alludindo ao meigo poeta maranhense, affirmava Coelho Netto, na *Revista do Centro de Sciencias e Letras*, de Campinas, que o seu desventurado compatricio "*amou*", devéras, a uma creatura bella e indifferente, — creatura que, dizia o chronista, como a heroína do soneto de Arvers, mais de uma vez perguntou ao triste poeta "quem era a inspiradora dos seus versos, sem comprehender que era ella, ella só, que enchia, não só a doce poesia do peregrino, mas toda a sua vida, que se extinguiu no exilio e na saudade, longe da patria e do amor".

Talvez fosse a essa creatura enigmatica — desdenhosa esphinge! — que Adelino, sem ainda a ter comprehendido, endereçou este mavioso soneto, sem titulo :

* * *

E's como a doce jurity da mata,
Ligeira, esquivã, tímida e medrosa:
Foges de mim tremente e suspirosa,
Como quem de um perigo se recata.

Mas não sei, afinal, criança ingrata,
 Porque foges: não sei porque amorosa
 Tua alma casta, angelica e bondosa,
 Com tão doce esquivaça me maltrata.

Abre as asas á luz serenamente
 E vem fugindo aos gelos do deserto
 Buscar o sol do meu amor ardente.

Dirige para mim teu voto incerto,
 Pois tens meu coração, pomba innocente,
 Como um tépido ninho sempre aberto.

Após a leitura de tão sentido soneto, — soneto encantador, não só pela sim-
 pleza, mas ainda, e sobretudo, pelo tom
 familiar e meigo que Adelino Fontoura lhe
 soube dar, — após a leitura desse mimo de
 emoção, de bom grado concordei com o feste-
 jado romancista do *Inverno em flor*, quando, na
 alludida revista campinense, em *Um appel-
 lo* aos nossos homens de letras, convicta-
 mente affirmava: "Póde haver poesia mais
 forte, mais alcandorada; mais sincera, porém,
 que a do Adelino não ha, por certo, — por-
 que elle foi um poeta do amor que amou e
 que morreu de amor".

Não fosse, pois, a indiferença atroz da
 mulher amada, e, sem duvida, Fontoura não se-
 ria, na expressão de Coelho Netto, "um dos
 mais delicados lyricos e um dos mais sinceros
 poetas do amor em nossa terra".

Por isso, ás vezes, ainda repito, *à quelque chose malheur est bon* . . .

*
* *

Era de familia distinctissima, como a Natercia de Camões, a jovem que jámais sem desprezo ou indiferença se dignara volver os olhos para o misero sonhador, — um pobretão de classe humilde, sem eira nem beira, que não tinha, portanto, nem onde cahir morto . . . Nesse ponto, talvez pensasse a desdenhosa diva como aquelle venerando classico que, á guisa de pae bem-avisado, circumspectamente aconselhava aos solteiros ou aspirantes á vida do matrimonio:

Antes que cases,
Olha o que fazes . . .

Si queres casar bem,
Vê com quem . . .

Si não queres casar mal,
Casa com igual . . .

Nem era outra, antigamente, em tal assumpto, a maxima da gente experimentada. . .

Ainda não faz muito tempo, ao mudar de residencia, encontrei entre os meus *guardados* um soneto que, segundo creio, não figura entre as producções poeticas que Coelho Netto estava recolhendo, com muito carinho, para um dia as publicar em livro, como tributo

de admiração literaria á memoria do seu infeliz
coestaduanu. Eis o soneto:

ATTRACÇÃO E REPULSÃO

Eu nada mais sonhava nem queria
Que de ti não viesse ou não falasse,
E como a ti te amei, que alguém te amasse,
Cousa incrível até me parecia.

Uma estrella mais lucida eu não via
Que nesta vida os passos me guiasse,
E tinha fé, cuidando que encontrasse,
Após tanta amargura, uma alegria.

Mas bem cedo extinguiu-se esse risonho,
Esse encanto e deleitoso engano,
Que o bem, que achar suppoz, já não supponho.

Vejo, enfim, que és um peito deshumano:
— Si fui 'té junto a ti de sonho em sonho,
Voltei de desengano em desengano.

Em dezembro do 1888, no "Tymburi-
bá", de Rezende, onde eu, então, come-
çava a ensaiar-me neste inglorio officio de
escrever bagatelas literarias, publiquei um fo-
lhetim a proposito de Adelino Fontoura, falle-
cido, quatro annos antes, obscuramente, num
hospital de Lisboa. Nesse folhetim, após
bosquejar a traços largos, com incerta e timida
mão, a individualidade literaria do poeta mara-
nhense, ponderava eu, encerrando o meu aca-
nhado ensaio:

«Cumpre que o nome de Adelino Fontoura não fique para sempre sepultado nas cinzas do olvido. Esperamos que um dia alguém reúna em livro todos os seus escriptos esparsos, — pois um talento como este, que viveu discretamente velado pela modestia, merece que o seu nome, ainda tão pouco conhecido em sua patria, se perpetue na historia da literatura brasileira, inscrevendo-se, em letras aureas, entre os dos nossos melhores poetas fallecidos».

Ao reler agora, com indizível saudade, essas linhas de prosa ingenua, escriptas aos 18 annos *ex abundantia cordis* — linhas que palidamente emmolduravam a joia poetica ora aqui engastada, — sinto-me satisfeito. E sinto-me satisfeito, por saber que o meu desejo, mais cedo ou mais tarde, ha de realizar-se, e que, bem ao contrario do que receiavam os admiradores de Adelino, já não perecerá no olvido o nome de "um dos mais delicados lyricos e de um dos mais sinceros poetas do amor em nossa terra".

Esse serviço que algum dia se prestará ás letras, devel-o-emos a Coelho Netto. Honra lhe seja!





XXV

SUPREMA VERBA...



ercebo que vou agora enveredando pelas minhas saudades... Que importam ellas á alma jovial dos moços? Nada.

Fiquemos, pois, por aqui. Antes, porém, de encerrar estas breves palestras literarias, façamos, meus amigos, um retrospecto do que juntos conseguimos ver. Recapitulemos, em synthese, o que não deve ser deslembrado.

Na palestra preambular, embora succintamente, tentei mostrar o que é a Arte e como, na opinião de Croiset, se deve entender o "verdadeiro artista". Não é artista sinão aquelle que, dotado para a fórmula (pois sem esta não existe arte), só diz cousas dignas de serem ditas...

No que respeita á critica literaria, tão facil quão difficil é a arte da palavra escripta, vimos, com Faguet, que ella não vale o muito que por ahi se pensa... Consummado o facto, isto é, publicado o livro, quasi nada

aproveita a Critica ao autor para o effeito por elle visado — o applauso geral do publico. Mais proficuo seria o seu exercicio, si ella, com os sabios conselhos da experiencia, evitasse as censuras ou corrigendas que, *coram populo*, nem sempre com caridade se compraz de fazer aos escriptores sujeitos ao seu veredicto...

A seguir, palestrámos sobre o *nosso Luxemburgo*, lembrando uma *divida de gratidão* e reavivando a memoria de uma *figura inesquecivel*. Deste modo deixámos evidenciada, sob o ponto-de-vista patriotico, a urgente necessidade de amarmos primeiro o que é *nosso*, por muito mofo que se nos antolhe...

A proposito de um *testamento gracioso* e de certo *leque de marfim*, tambem verificámos quão digno de nota é o *brasileirismo na poesia* para, ao menos em parte, preservar-nos do *exotismo* que, desnacionalizando-nos, já nos vae degradando aos olhos do proprio estrangeiro...

Ao relembra uma *data infausta*, relêmos *paginas do coração* e devidamente apreciámos o valor da *sinceridade* como elemento imprescindivel de bom exito na Arte.

Admirando aquella *cruz da estrada* (uma de muitas *perolas perdidas*) e a *flôr sem nome*, creio que, graças á *originalidade* ou, melhor, á

sinceridade de alguns dos nossos poetas, ainda nos não devemos envergonhar perante os povos que os têm de alto cothurno e que, conscios de tão invejavel gloria, ufanamente os impõem, não só ao culto dos nacionaes, mas tambem á admiração dos estrangeiros... *snoobs*.

Aquelles, como vimos, respeitando a *alma do passado*, que sobretudo se encerra nas velhas *tradições populares*, estão perfeitamente convictos de que um povo como o nosso, si o quizer, poderá, um dia, á semelhança do vate de Venusa, dizer, tambem, fortemente seguro da sua immortalidade nas artes ou nas letras: — *Non omnis moriar!*

Por ultimo, discreteando sobre um *artifice da palavra* e um *paladino das letras*, avaliá-mos o muito que para tal effeito sempre valeu o culto da forma. Tal culto, aliás, entre nós, por *mimetismo literario* ou simples *impressionismo poetico*, como o prova o *camoneanismo brasileiro* de um poeta maranhense, muito digno de menção, tem sido a causa, directa ou indirecta, da nossa deploravel inópia de *originalidade*, — gravissimo e talvez insanavel morbo da literatura no Brasil... E' que, na maioria dos casos, aos poetas, assim como aos prosadores brasileiros, evidentemente lhes fallece a *sinceridade* ou... o amor ao que é da sua patria.

Amemos, pois, de preferencia, o que é *nosso*; nem por isso desestimemos o que é *alheio*; nas letras, como em tudo, sejamos sempre *sinceros*, — e teremos *originalidade*! Só assim daremos a este MUITO NOSSO Brasil o pouco que ainda lhe falta para que elle, afinal, de todo independente, altivo, glorioso, não mais se figure aos povos civilizados como um paiz de bugres ou de simios...

FIM

INDICE

INDICE

I — A Arte	11
II — A Critica	15
III -- Querido dos deuses	17
IV — O nosso Luxemburgo	23
V — Divida de gratidão.	27
VI — Figura inesquecível.	33
VII — Testamento gracioso	37
VIII — Um leque de marfim	41
IX — Um estheta	47
X — Data infausta	51
XI — Páginas do coração	55
XII -- A cruz da estrada.	59
XIII — Perolas perdidas	63
XIV — Flôr sem nome	69
XV — A alma do passado	73
XVI — Tradições populares	77
XVII — <i>A quelque chose</i>	81
XVIII — <i>Non omnis moriar!</i>	85
XIX — Artifice da palavra.	91
XX — Paladino das letras.	95
XXI — Arte de reflexo	99
XXII — Mimetismo literario	105
XXIII — Impressionismo poetico	113
XXIV — Camoneanismo brasileiro	119
XXV — Extrema verba	125

NOTA — As cartas de Raul Pompéia transcriptas neste livro foram dirigidas ao sr. Luiz de Araujo Labre, amigo intimo do poeta e ex-jornalista ainda residente nesta capital.